

Deoclécio Dias Machado Filho

O  
Que Restou  
do  
Laranjais  
em Flor

(Um livro de memórias bem iguaçuanas)



1970

Meu caro Deoclécio,

Antes de mais nada, quero agradecer-lhe a remessa de seus livros.

Foi, neste mês primaveril, cheio de trabalhos, um presente regio, que a sua bondade me outorgou. Gosto de ler e de estudar os autores. Como não sei escrever coisas assim bonitas, como as que enchem o seu livro, paro a cada novo capítulo e penso no bem que deve ter feito à sua alma, poder contar coisas assim tão boas!

Estou aqui, não apenas para agradecer os livros, mas, para congratular-me com você, pela dádiva de arte que resolveu dar, ao seus amigos, num requinte de boa sabedoria. Porque é excelsa sabedoria, contar ao povo, as emoções encontradas nas coisas que, em sendo nossas, pertencem a todos. Seu livro deve ser do rol daqueles a que se refere Salomão nos seus provérbios: contendo pensamentos imortais, "porque os pensamentos mortais são timidos, e incertas as nossas providências".

Depois de lido, por mais que dure, desaparecerá. Mas, antes disto, fará imenso bem aos corações iguaçuanos, cuja diapason afina com as suas narrativas e com os cenários que enfeitaram cada palavra sua. "Nada existe, ó meu irmão, que seja eterno e que dure. Guarda isto no teu coração — e regozija-te!" Estas palavras de Tagore, tão lindas, são imensamente verdadeiras. E ele ainda diz: "Houve outros, antes de nós, que carregaram também

(Conclui na outra  
orelha do livro)

-/- minde  
Naupactus, em  
abril 1911/70  
J. de Mochado

"Nunca vos deixeis desanimar pela tristeza de certas horas sombrias que passam sobre as nações. Deveis procurar viver na paz serena dos laboratórios e dos livros, dizendo antes de tudo a vós mesmos: Que fiz pela minha instrução? Como progredi? Que tenho feito pelo meu país? Até que venha o tempo em que possais desfrutar a imensa felicidade de considerar que concorrestes, dessa ou aquela forma, para o progresso e o bem da Humanidade".

LOUIS PASTEUR.

Deoclécio Dias Machado Filho

# O QUE RESTOU DOS LARANJAIS EM FLOR

*Homenagem a todos os iguaçuanos que,  
sem medir sacrifícios, se lançaram à tarefa  
de colaborar com seus livros, pensamentos,  
estro e sensibilidade, para a grandeza de  
Nova Iguaçu.*



COM PREFÁCIO DE  
VALCIR ALMEIDA

1970

*"Vez por outra, embora distante, escrevia coisas iguaçuanas, só para matar saudades."*

(Estraido de uma das páginas internas dêste livro)

**A**

*Altair Pimenta de Moraes  
Artur Sales  
Artur da Silva  
Agostinho da Silva  
Abilio Teixeira  
Antenor Magalhães Amaral  
Antônio Bellot de Souza (Dr.)  
Artur Barroso  
Adrianino (Dirigida pelos irmãos Brayd e Artur)  
Avelina Azeredo  
Alfredo Soares (Dr.)  
Aires Rozo  
Ataíde Pimenta  
Armando Sales Teixeira  
Artur Soares  
Aderbal Nunes  
Artur Argenta*

**C**

*Gial Brito  
Carlos Marques Rôlo*

**D**

*Decio Melo  
Darcy Muguet*

**E**

*Edmilson Wanderley  
Eli Mendes Lopes*

**F**

*Faustino Kowalsky*

**G**

*Getúlio Moura  
Geraldo Brigagão  
Ginásio Leopoldo*

**H**

*Herminia Berçot de Matos  
Humberto Gentil Baroni  
Hugo Argenta*

**I**

*Irmãos Chaves  
Instituto Iguaçuano*

**J**

*José Fróis Machado  
Joaquim Brigagão  
João Müsch (Padre)  
João Barbosa  
Jarbas Cordeiro  
Júlio de Miranda Bastos  
João Quaresma de Oliveira  
João de Almeida Barbosa  
Jaime de Carvalho*

**L**

*Leonardo Carielo de Almeida  
Labuto (Pseudônimo?)  
Lourdes de Almeida  
Luiz de Carvalho  
Luiz de Azeredo  
Luiz Melo*

**M**

*Milton Rodrigues (o ator)  
Marieta Chaves  
Mique (Virgílio Soares)  
Moacir Ferreira  
Manoel Quaresma  
Mário de Azeredo  
Maria Helena Pinto*

**N**

*Nilson de Oliveira  
Nilo Belém  
Newton Gonçalves de Barros (o pai)  
Ney Gonçalves de Barros (o filho)*

**O**

*Oberland Farrula  
Oscar Tiradentes  
Osório Ennes*

**P**

*Paulino Barbosa  
Paulo Machado*

R

Rui Berçot de Matos (Dr.)  
René Granado  
Raul de Figueiredo Meireles (Dr.)  
Rui Afrânio Peixoto (Dr.)  
Reconvinte (Pseudônimo?)  
Rozinda Martins  
Ruda Vilanova  
Rosalvo Cintra Vidal

S

Sinhazinha (Maria Soares)  
Silvio Goulart  
Sônia Marila Argenta  
Silvino Silveira  
S. Pereira Dias  
Salomé Torres Ennes  
Silvio de Azeredo  
Salvador Barbosa

T

Thiers Filho

U

Ulisses Berçot Ennes

V

Valcir Almeida  
Valdemar da Silva

W

Wilson Pereira Braga  
Waldeck Pereira

## PREFÁCIO

Minha amizade com o autor d'este volume não começou ontem, porém há mais de três lustros, quando, como médico, teve de atender meu pai, numa manhã difícil, tanto para nós todos como para ele, que não trazia consigo, na bolsa do estetoscópio, o material de punção.

Tivemos de voltar à sua casa.

Em seguida, à farmácia, para adquirir os remédios.

Nessas caminhadas para aqui e ali, inclusive indo às tardes ao seu consultório, a fim de levar-lhe as notícias, ao mesmo tempo em que meu genitor melhorava, foi aumentando nossa amizade, até que, tempos depois, se consolidou.

Passou, então, a ser o médico de nós todos. E, mais tarde, com o meu casamento, de meus filhos, até que, depois, a pedido de inúmeros familiares, ingressou no IPASE, chegando a atender no Ambulatório de Nova Iguaçu, de onde fui chefe, durante longo tempo. Daí, então, nunca mais nos separamos.

\* \* \*

Ou melhor, ele é que se separou. Por conveniências pessoais, trabalhando, também, no Hospital Carlos Chagas, mudou-se para Jacarepaguá.

Vez por outra é que aparecia em Nova Iguaçu, quando já era eu Vereador.

Concluído o meu periodo, abracei o jornalismo, fundando a revista "Iguacu-News", que circulou durante muito tempo sem o seu conhecimento.

Até que um dia me encontrou. Abraçamo-nos. Ele abraçou-me como jornalista. E enviou-me uma crônica que, hoje, se inclui nestas páginas em que me deu a honra e a satisfação de as prefaciari.

\* \* \*

Lendo os originais do trabalho, encantei-me com tudo. Porque neles vi o amigo de ontem, junto a mim, com aquélle mesmo coração de sempre.

\* \* \*

Amizade, graça, amor, espiritualismo, filosofia, ciências e artes, tudo eu via passar e repassar naquelas páginas que me oferecera para ler.

Quanta coisa bela o autor dizia, por amor de Nova Iguaçu!

Foi, então, que me apressei em indicar-lhe a mesma gráfica onde se imprime a "Iguacu-News", onde canto e decanto a maravilhosa sociedade local, que não podia desconhecer mais esse belo trabalho.

\* \* \*

Chamei o diretor da gráfica e, com élle, deixei seus originais, pois muito me sensibilizaram seus derriços pela terra natal, onde sempre viveram muitos de seus amigos, inclusive eu.

E pode ser que, num ou noutro passo desta obra, não seja élle compreendido ou amado, principalmente pelo seu tempo de ausência, posto que as verdades e os carinhos, para serem bem assimilados, necessitam de ser repetidos. E bem.

E à Guanabara, ligaram-se muitos de seus compromissos.

\* \* \*

Mas, de forma alguma, lhe podemos atribuir a culpa de tudo que aconteceu. Antes, dos que depressa o esqueceram nesta gleba, não só comprovando a extensão de sua estima aos amigos, cujos nomes não consegue esquecer (muitos dos quais figuram nesta obra), — mas principalmente à sua terra, sempre tão viva e tão estuante em seu grande coração, conforme se pode sentir e quase apalpar, nas entrelinhas.

\* \* \*

Ao encerrar este prefácio, quero dizer que "O que restou dos laranjais em flor" é a nova obra de Deoclécio Machado, escrita quase que especialmente para os iguanianos, embora a sua temática seja universal, podendo ser lida e apreciada em qualquer rincão d'este país ou do estrangeiro, donde quer que se estenda a língua portuguesa, com que a vazou.

O que élle narra de seu torrão natal, tanto podia ter acontecido no Europa, como na Ásia, isto é, tanto na China como no Japão, nos Estados Unidos ou mesmo na Austrália, pois tódas as suas memórias são problemas da alma humana, — que constitui o substratum principal de quantos vivem neste planeta.

Como em "Sob o céu de minha terra", também de sua autoria, foi um livro que surgiu ligeiro, em Nova Iguaçu, sem que ninguém esperasse, mas todo ele vivido "à sombra dos laranjais", que tanto impacto causou à época de seu lançamento.

"O que restou dos laranjais em flor" igualmente canta e descreve, eleva e entremece pelo muito de seu lirismo, as ruas, pontes, esquinas, arranha-céus e até as vertentes iguaçuanas mais floridas, por onde deixou escorrer mais de metade de sua existência de bom samaritano.

Seu estilo é leve e ligeiro.

Se quisesse, poderia ele ter dado asas à imaginação e divagado sobre assuntos secretos ou mais longínquos.

Mas o autor, além de imaginoso, é reservado e discreto, como lhe convém.

O que deixou de dizer, não foi porque o ignorasse.

Conforme se poderá sentir, através destas páginas de amor e carinho, Nova Iguaçu, solo fecundo que é, poderá fornecer, ainda, durante muito tempo, principalmente para os que, aqui, pretendem firmar-se, o grande manancial, a fonte viva de tudo quanto se produzir para o futuro.

O que Deoclécio Machado muito bem acentua em muitas de suas inesquecíveis páginas.

VALCIR ALMEIDA

Os tempos modernos, com suas inovações e aperfeiçoamentos, sobretudo com sua máquina de gravar, oferecem espetáculos por vezes agradáveis, senão mesmo surpreendentes. Mal saía de uma transmissora, onde fôra entrevistado ao microfone, — a Rádio Rio de Janeiro, programa Paulo Guerra — e, um minuto depois, eis tudo gravado e pronto para ser reproduzido.

Inquiriram-me por que publicara certos volumes, principalmente este último. Respondi, primeiramente, porque possuía alguma sensibilidade visível em coisas guardadas. Em segundo lugar, porque participo de uma instituição de letras a que custumo justificar tanto a permanência quanto a filiação. E, em terceiro, porque escrevendo, isto é, pondo-me em comunhão com certas pessoas, ajudando-me a mim mesmo, pois, se alguém aproveitar ou, ainda, se enriquecer com a meditação de minha leitura, sou eu quem lucra, pelo débito com que fica a alma do leitor, em relação à minha, visto como todo o universo é espiritual e as almas se interligam.

Demais disso, há um princípio de Psicologia

segundo o qual as emoções da infância se refletem de maneira decisiva no comportamento do adulto: e eu nasci neste grande Município. E assim como há um desequilíbrio entre os extremos da opulência e da pobreza, os que vivem entre êsses dois pólos, como profissional, colhendo os dados da matéria e os valores do espírito, como sempre fiz, — quem não consegue uma parcela do que aspira, mais adiante, fatalmente, se sentirá frustrado.

E eu jamais desejaria que isso me acontecesse.

O consciente só tem presente. Mas o subconsciente tem longo passado, e só entrando em contato com esse passado é que ele se comunica com o consciente.

E quem, hoje, não se comunica...

As Relações Humanas estão na ordem do dia...

Por isso é que — esclareci — sem me considerar absolutamente um escritor ou jornalista, entrego-me amiúde ao vézo de escrever. Ademais, sou produto arcádico, isto é, da imortal instituição, criada para os iguaçuanos, por cuja sobrevivência todos devemos propugnar: A Arcádia Iguazuana de Letras.

Dentro de tal justificativa, produzir, por conseguinte, não é permanecer isolado numa ilha perdida em meio a um oceano à espera dêsse milagroso veículo de transporte — o livro ou o jornal — mas viver qual um navio ou uma nau de velas pandas — a conduzir nossas idéias próprias.

É talvez, sentir-nos, como o próprio mar indo e vindo, beijando, espumoso, prásino, a areia da praia ora impetuoso, ora acariciante, aos olhos de quem nos procura, desejando novos motivos ou, mesmo, a nossa paisagem interior.

É transportar-nos nas asas da poesia a um mundo tão amigo, e tão nosso, tão bom e quase tão real que, dêle, não mais deveríamos sair, sempre em companhia do leitor mais chegado, do mesmo modo como é salutar atingir os cumes das montanhas para renovar-nos ou revigorar-nos, banhando-nos de luz, embora certos de que lá não podemos permanecer eternamente...

Cada livro elaborado conserva aquele sabor de cada filho querido. Ou, por outra: são os filhos — ou as filhas — da saudade, no dizer de Khalil. — "Eles vêm através de nós, mas não de nós sózinhos; e, embora vivam conosco, sempre a nosso lado, junto à mesma cabeceira, seus futuros não nos pertencem..."

A única diferença real entre êles é que os livros são a forma objetiva de nossos pensamentos, pelo menos no instante em que foi elaborado. Ao passo que nossos filhos, mesmo lhes concedendo todo o nosso amor, não lhes podemos incutir nossos pensamentos integrais: — "depois de certo tempo começam a pensar sózinhos, independentes. E ainda que haja muito amor acumulado, que nem os conflitos nos atrapalhem, com seus murmúrios, essa independência de corpo e alma se mantém eterna, inexorável pelos tempos em fora..."

DEOCLECIO MACHADO

"Podemos, por outro lado, abrigar também seus corpos mas nunca as suas almas, como o fazemos no livro. E isso porque o espírito de nossos filhos mora na mansão do amanhã, que não poderemos visitar, nem em sonho, porque, de outra sorte, a vida não anda para trás e não se demora com os dias passados..."

Enfim, nós, os autores, somos os arcos dos quais nossos filhos — ou os nossos ideais impressos — são arremessados como flechas vivas em direção ao Infinito..."

Também do poeta Gibran, li, embevecido, que um curto instante, mais um descanso rápido sobre o vento, e eis outra mulher nos concebendo. Pelo que devemos estar sempre felizes e contentes com as almas que nos cercam e procuram, porque nos encontraram, por afinidade, depois de vaguearem pelos tempos...

Foi o que deixamos gravado na fita magnética daquela emissora carioca, e agora trasladamos para aqui.

E aqui, também, repetimos o registro, para que o leitor se certifique de tal verdade, antes que outro acontecimento nos atinja, medeando os dois longos momentos: — o do início destas crônicas e as verdades arcádicas que me proponho divagar...

Escrevi mais um pouco sobre elas, para que todos sintam o quanto são belas, quiçá necessárias, as boas coisas do espírito. Depois, o que

O QUE RESTOU DOS LARANJAIS EM FLOR

restar, ou será suprido ou não sentiremos a sua falta... Além do reconforto que tudo trará ao coração dos iguaçuanos, indistintamente.

Em verdade, em verdade vos digo: não se pode mesmo descansar nas asas ligeiras do tempo e do vento... Quando menos, elas espicham a impressão até estoutra página.

E não é sómente isso.

Como cidade Nova Iguaçu tem crescido demais. Ciclópicamente.

Como filho da terra, mesmo sem ser autoridade constituída, fiz por ela o que pude: atuei profissionalmente, como liberal. Fui professor e jornalista, servindo a **O Povo** como secretário. Pintor.

E até duas peças de teatro escrevi, valendo-me de assuntos exclusivamente históricos e locais, a fim de provar sobejamente que, aqui, dispomos de motivação para tudo, inclusive para o cinema iguaçiano.

Aquela minha peça "O Iguaçano" aí está como prova. Pode até ser filmada, quando a "Publi-Cine" tiver peito e condições para isso. Dela surgiu o ator Milton Rodrigues, que não se cansa de dizer, pelas revistas e jornais, que se, hoje, é um profissional da sétima arte, agradeça a mim, que o escolhi para o papel de Rangel Pestana. Quando lançar êste livro tentarei trazê-lo, para que ele mesmo conte esta verdade.

Andava eu afinado com Charles Maurras, segundo o qual a Grécia se tornou mais universal à medida que se tornou mais severamente ateniense. E eu sonhava com uma Nova Iguaçu bem grande e conhecida, pelos rincões em fora!

\* \* \*

E neste afã de difundir as estórias de meu Município, muita coisa boa e má, colhi também.

Senti que é uma terra de paixões violentas, onde muita coisa ainda está para ser contada através do vídeo, por essa pléiade que surge, após mim, pois nela também não faltam os irmãos na coragem.

Está necessitando, apenas do novelista. Ou do romancista que se disponha a isso.

Aqui existe, no terreno das paixões e da Psicologia, matéria para estudo, através das situações comportamentais de inúmeras pessoas que integram seu próprio meio.

Não há necessidade de nomes. Mas é enorme a quantidade de climas amorosos. Existem os que se queixam da solidão. De inadaptação sexual. De imaturidade da outra parte, com manifestações de "escapismo" e de "fuga" em seu comportamento, pois em muitos casos a infidelidade implica em desordem da personalidade. Há os casos em que a infidelidade surge do desejo de ferir alguém, como aquêle em que certa mulher, de-

cepcionada com o comportamento paterno, pelo amor à sua mãe, passou a ser infiel ao marido quando viu confirmadas as suas desconfianças. Um moço, ao desentender-se com um amigo, começou a insinuar, por tabela, para que a espôsa dêste viesse a prevaricar, indicando-lhe, até, o amante, procurando atingir o que, para aquêle, era objeto de sua maior estima.

Aí está, portanto, uma messe de assuntos, à espera, apenas, do escritor, Nova Iguaçu é grande!

\* \* \*

E quem, como nós, passou a sua mocidade aqui, muito terá para contar.

Uma vida, principalmente em pessoa de sensibilidade, é qual terra virgem à espera de sementeira. Ou como um lago visto de sua superfície, tanto mais que o inconsciente, que transcende a todas as faculdades, sendo inclusivo responsável pelas manifestações extra-sensoriais, — é como esse mesmo lago visto em sua profundidade... ,

Já perceberam tudo?

Ah! como se mexem, no mais fundo de nosso espírito, tais peixinhos!...

\* \* \*

Terra de grandes vivências? É a interrogação que legamos aos que aqui labutam e conhecem esta terra mais tempo do que nós.

Não chega a ser de maus amôres, de gente de bofes e vinganças.

Ao tempo em que aqui vivemos diuturnamente, mantivemos vários romances. Dos quais três ficaram mais ou menos marcados na memória de todos, pela posição social dos personagens.

Respeitador que sempre fomos, a recordação delas só nos inspiraram trabalhos do melhor quilate espiritual, pois nunca foram homens de mesquinharias, — sabem os que nos conhecem. A marcha do mundo é para frente e para o alto.

E, se nisso tudo sobrou uma ponta de inveja ou de despeito, não somos verdadeiramente culados.

\* \* \*

Porque o bom mesmo é podermos ser capazes de promover e alegrar comunidades, como esta a que sempre pertencemos pelo espírito e pelo coração. É podermos viver como aquele personagem oriental, habitante de região famosa, tão famosa que até o ar possuia capacidade curativa, através de perfume vegetal. Era um ar balsâmico e salutar, capaz de beneficiar, até à distância, pessoas enfraquecidas, principalmente no comêço da primavera.

Levado àquele local pelo Mestre, certo alguém, que nos contou o evento, mostrou-se encantado com a beleza das flôres, com as rosas, violetas e peônias, e até com o perfume das açucenas.

— 22 —

Mas o visitante não via o mais importante.

Detrás de uma cortina de bétulas, havia um bosque composto de árvores resinosas. Tais árvores não se viam, mas suas influências benfazejas se faziam sentir, espargindo o bálsamo pelas cercanias.

E nisso é que residia a grande lição.

Por trás das frageis bétulas é que se ocultavam os imensos troncos resinosos de onde se escoavam a saúde e a vida! Exatamente como deve se manifestar a arte da influência benéfica sobre as pessoas, cercando-nos de aparências amáveis, de modo que todos se beneficiem, graças a essa força com que a Natureza se manifesta em cada um de seus elementos e que fez com que o filósofo Spinoza a denominasse de **natura naturans!**

Assim, dentro de tais temas é que devemos agir.

Sempre com a idéia entre poética e delicada de quem sempre está à procura da rosa azul, a mais difícil e ensejada das flôres, ou de quem procura reunir o que restou dos laranjais em flor...

Vou lhes contar o que restará de tudo isso, se assim agirem.

Andava eu a querer aprender como se enxertavam as rosas, até chegar à rosa azul, do mais suave perfume, quando, nas imediações, surgiu imensa borboleta, dessas com que trabalhamos até paisagens, servindo de fundo...

— 23 —

DEOCLECIO MACHADO

— Por acaso, tu que possuis côres tão brilhantes e exalas perfume tão suave, por acaso és a famosa rosa, em forma alada? Já destacada do galho, de tão perfeita, a alçar vôo?

— Meu bom Deoclécio, bem desejaria sê-la, vivo tão perto dela, a aspirar seu perfume, a nutrir-me do néctar de seu pólen e da beleza de sua corola, que me deixei impregnar até de seu colorido. Só falta, para ficarmos iguais, lhe oferecer o meu brilho, pois suas pétalas ainda são aveludadas...

\* \* \*

Do mesmo modo, meus amigos e leitores, se projetarmos uma idéia em determinado ambiente, êle a assimilará, como no episódio da borboleta, pois há contínuo intercâmbio de influências entre os homens, pelo que êles estão sempre se modificando...

Comunicação, eis o moderno problema.

Eis a questão.

Ou, ainda:

A melhor solução para o problema social, principalmente para uma cidade em que quase todos pertencem a uma só família.

O Valcir que o diga, através do "Iguacu-News".

— 24 —

Agora, começo a variar, isto é, a borboletar sobre diversos assuntos.

Vou escrever sobre outra coisa, nesta página seguinte.

É bom variar, para que o leitor descance. Afinal, êste é um livro de memórias.

Naquela tarde, eu chegara alegre, mas, de repente, me entristeci, ante a mais real e mais punjente das surpresas: a Marieta adoecera gravemente... Nem sei quem me dera a notícia. Talvez o Cristolino, com quem viajara junto, na Evanil. E que, para mim, ela sempre constituiu um fragmento indivisível de minha infância, com aquela sua bondade a contemplar o que eu fôra, sempre com o sorriso nos lábios, ao ver-me, ao ouvir-me, ao responder-me. Naquele mesmo dia soubera até de parentes que adoeceram na minha ausência. Entretanto, nenhuma das realidades foi para mim mais cruel do que aquela ali, sobre quem vivera santamente, rompendo, acamada, o último elo de seus sofrimentos, plenamente conformada com tudo.

\* \* \*

Depois, subimos ao escritório, conduzido pelo

— 25 —

amigo, e me deu vontade de contar, para conformação, — e não ficarmos só em assuntos daquela doença — o que eu aprendera através de Parapsicologia, de que meu mano José Fróis tanto gosta, estuda, perquire. Até da Ásia estão chegando notícias, através de Vasiliev, segundo as quais certos indivíduos, em sono hipnótico profundo, descrevem, minuciosamente, o interior de residências distantes, em cidades longínquas, o que se passa no interior das mesmas, com minúcias impressionantes. E aqui mesmo no Rio Grande do Sul, Honeheim, igualmente materialista, depois de levar certos pacientes seus ao transe hipnótico profundo, pede que descrevam o que foram suas vidas aos dez anos de idade, aos seis anos, aos seis meses, após a fecundação e até antes da encarnação, isto é, o que foram em outras vidas passadas, há milênios. E a resposta surge, com testemunhas ao lado, neste mundo de desgastes.

Insistem todos em denominar êstes fenômenos de paranormais ou, se quiserem, metapsíquicos, mas enquadrados todos dentro das leis da natureza! Nada de divino nisso.

Psicometria ou telecinesias é como batizam os fenômenos!

Dia virá entretanto, em que o homem descobrirá, através do avanço do estudo do átomo, que êste retém outras formas superiores de energia, — inclusive como se adquirir o **corpo-luz**. E as coisas, então, irão inverter-se, despreocupando-se o homem com o que foi, mas procurando agir com a pureza

do que poderá vir a ser, como sempre procurou fazer, ao longo de sua vida, a sempre estimada e querida Marieta, agora ali, a se transfigurar, como primeiro exemplo e como prova de que tudo é possível àqueles que têm fé!

Porque ao lado do átomo existe alguma coisa a mais que ainda não pôde ser revelado ao homem intelectual, mas só o poderá ao homem racional ou cósmico.

Por isso, não guardo dúvida de que a Parapsicologia será o caminho do homem em direção a essa consciência cósmica, Infinita (Deus), autora e criadora dêste Universo, quiçá seu sustentáculo na eternidade dos espaços onde evoluem, em sentido dinâmico e cognoscente, os que adquirirem o **corpo-luz**, que é a alma humana plenamente individualizada, quando caminha no sentido da pureza.

\* \* \*

Estas foram as meditações a que o estado de saúde e a minha admiração por Marieta me conduziram, colhido que fui de imensa e indescritível surpresa.

Outra igual só a senti há tempos quando, em certa rua desta imensa cidade, eu e minha filha vimos um velho a arrastar-se com imensa dificuldade. Depois de encontrá-lo várias vezes, resolvemos ajudá-lo, conduzindo-o em carro, acompanhando-o até à modesta choupana, de sapê, do outro lado da variante, onde o pobre homem resi-

dia mais como indigente do que propriamente como o civilizado que êle era.

Súbito, pede-nos para entrar, oferecendo a mais surpreendente das revelações: aquêle suposto pária, que todo mundo diria a mais infeliz e abandonada das criaturas, aquêle cidadão digno de pena, aparentemente sem ninguém, era na realidade um forte e um vencedor, autêntico herói anônimo, porque lograra "compreender", estava de posse — conforme revelara — do segredo da vida. Descobriu a Verdade, garantira-nos êle!

— Contemplem a luz do meu corpo, se puderem!

— Realmente, seus olhos brilhavam demaisado, quando sorria, revelando a grande luz de sua alma...

\* \* \*

E, então, como visitantes que chegáramos tristes, regressávamos para casa, dentro da noite, iluminados pelos eflúvios que brotaram daquela aparente choupana pobre, situada em veredas de minha terra, sempre a nos oferecer algo!

Até minha filhinha notara a grande transformação por que passara a face, naquele instante. A dela também iluminara-se com aquela mesma claridade que inundava a alma de Marieta.

Ocorre-me uma outra saudade.

Quando morreu minha avó, uma boa velhinha de olhos verdes — os únicos de nossa família, por aqui — rapaz ainda, lamentava após o entérro, ao lado do Padre João, o ter sido ela vítima de um câncer, sem tempo para uma radiografia simples de abdome, entubação, sem uma colangiografia, — enfim, nada que confirmasse aquela neoplasia no pâncreas, senão a icterícia que aumentava dia a dia, minando-lhe as resistências, já no fim... Aos dezoito anos enviuvara, ficando com dois filhos. E agora, a mais terrível das moléstias a lhe arrasar a existência.

— Sua avó, meu filho, deve se encontrar no seio de Deus, onde moram as boas almas! Seja conformado, animou-me o Padre João.

O sacrifício de quem tanto ora e pede, com imensa Fé, nunca é em vão. Quando ela diariamente, às cinco horas da manhã, se ajoelhava na imensa nave de nossa Catedral, eu via nela pureza de coração, perseverança, caridade, abnegação, domínio de si mesma, devoção, religiosidade, austerdade, retidão!

DEOCLECIO MACHADO

E Deus, para ela, não era luxo sentimental, porém a mais esplêndida das realidades!

E reta era a sua intenção!

Console-se, meu filho, confortou-me uma vez mais o Padre João Müsch.

— Não se esqueça de que o Filho de Deus, ao entrar no mundo, nem tivera casa onde nascer. Indicaram-lhe um estábulo, cheio de animais. Sua vida fôra mais pobre que a das aves do céu. E, ao morrer, ficou privado até de um leito, agonizara, em pé, numa cruz. Os cegos, mudos, paralíticos, leprosos, endemoninhados, restituídos à vida ou à saúde, todos O abandonaram... Os apóstolos, com medo de Roma, dispersaram-se aos quatro ventos... César e Herodes eram por demais violentos. E, para que absoluta fôsse a sua renúncia, desfesse Ele ainda do último tesouro de seu coração:

— Mãe, eis aí o teu filho — disse, indicando a João.

Rotos os derradeiros liames ao mundo que o prendiam, sem mãe nem amigos, — em companhia apenas de um ladrão, — já com as roupas repartidas entre os soldados, o corpo em chaga viva, pelos bofetões e chibatadas, depois de chegar a isso tudo — esclarecia o Padre João naquele português germanizado — é que pôde transfundir-se no Espírito do Pai Eterno, criador dos céus e da terra...

O QUE RESTOU DOS LARANJAIS EM FLOR

— Meu filho, aprenda ainda mais:

— "A alma dela é imortal e o seu futuro é o futuro de uma coisa cujo crescimento é esplendor não tem fim. O princípio que dá vida está em nós e fóra de nós; é imortal e eternamente benéfico, não pode ser visto, ouvido e sentido, mas é percebido pelo homem ou pela mulher que lhe deseja percebê-lo. Cada ente humano é o seu próprio e absoluto legislador, o dispensador de glória ou aflição a si mesmo, o decretador de sua vida, seu prêmio, seu castigo.

Estas verdades, tão grandes como a vida em si mesma, são tão simples entre os homens.

Nutra, amigo, com elas, os que têm fome de conhecimentos e amam a Sabedoria."

E, continuando:

— Não são os bens materiais, filho, que concedem o eterno estado de amor e de beatitude diante das coisas de Deus.

Mas, Padre, retorqui:

— A meia altura do Gólgota, ainda encontrou Ele o Cireneu, para acreditar nos homens, em sua solidariedade...

E continuando:

— A humanidade está piorando. Observe quanta coisa fazem só por inveja. Imagine pelo dinheiro, pelo ódio, pelo despeito... E muito pouca coisa por amor ao próximo.

DEOCLECIO MACHADO

— Não te admires, meu filho, se tiveres daqui a anos, de sorver o mesmo cálice do abandono e da ingratidão... Porque êste cálice só será oferecido àqueles que Ele também ama e deseja para companhia, nas viagens pelo Infinito.

\* \* \*

Muito obrigado pelo consôlo, Padre, respondi, fixando o olhar naquela cruz de madeira que agora, no testamento mais humilde que já me foi dado ler, o mesmo Padre João Müsch pede seja fixada, como símbolo, à beira de seu modesto sepulcro.

Ponho, nesta página, as tristezas de lado.

Poucos são os aniversários que retemos de memória. O de Luiz de Azeredo é um dêles, porque coincide com o de outro amigo meu, o Jonjoca, João Raunheitti, também a 17, só que com um mês de antecedência. O Luiz festeja em outubro. E Jonjoca, em novembro. De modo que quando vem se aproximando o de Jonjoca, por ser bem mais idoso, lembra-me o do Luiz, não que êste dia seja menos luminoso: é que o Jonjoca sempre arrasta, de minha parte, umas patuscadas, bilhetes, telegramas, fantasias, enfim, uma série de providências que mais lembram um primeiro de abril que mesmo data de nascimento. Divertir o aniversariante é sempre bom remédio. E salutar. Porém, como a data lujiana é mais seriamente comemorada, pelo temperamento de cada qual, depois que ela transcorre é que verifico o grande êrro da omissão, quando esta ocorre.

Este ano, porém, ao membro fundador da Arcádia Iguaçuana de Letras, não quis que ela passasse despercebida, pois ao Luiz muito devo, quer pela sua sincera amizade, quer ainda pela colaboração, em tudo quanto o solicitei e envolvi nesta

terra de meus ancestrais, conhecida também por muitos como a dos laranjais floridos, que ainda os há, ao lado das grandes indústrias.

Até hoje, desde não sei quando, vinha lado a lado com êle, pelejando nessa trilha íngreme, em busca de um ideal. No cume ensolarado da Arcádia, enquanto muitos a profligavam das profundidades obscuras, onde se debatem os vermes, nós nos identificávamos, contemplando as nuvens e as montanhas. Havia nela um mês terrível de "quebrar" os protocolos, o que eu fazia quase sempre com as minhas irreverências. Finalmente, por tudo isso, acabei lhe dedicando um livro, assim como ao outro confrade amigo, o Pimenta, tão solícito quanto êle.

Não sei se lhes agradei com aquelas oblações, feitas com veras dalma, como até aqui ninguém procurou fazer, já pelas responsabilidades assumidas, já pelos gastos necessários.

Mas o fiz, e me sinto satisfeito, embora não esteja à altura de oferecer-lhes o quanto houveram mister. O que sei, de ciência certa, é que, quando um ser, de menor estatura espiritual, como sempre ocorre, procura avaliar a felicidade de umas criaturas inteligentes e sensatas, a capacidade foge-lhe entre os dedos como a água. Só no juízo de outro igual ela poderá ser avaliada porque, ao contrário, aí então se revela sólida, firme e brilhante como o ouro.

Sem dúvida, há muito mais terras desconhecidas na felicidade do que as há na desgraça, que Luiz nunca conheceu nem conhecerá, porque esta tem sempre a mesma voz, enquanto a felicidade faz tanto menos barulho quanto mais se torna profunda e evidente.

E Luiz sempre foi silenciosíssimo, pondo no prato da balança de seus julgamentos semanais, através de seu semanário, um mundo de coisas que nós não vemos, porque tiradas das profundezas de sua alma, que êle purifica dia a dia, e que põe em tudo quanto faz, com aquêle seu receio permanente e já dito: de não "quebrar" o protocolo.

Como aquêle Senhor, velho companheiro, Luiz bem podia repetir:

— Os meus aniversários já não me preocupam mais. Com a minha sabedoria, venci o Tempo. Sei que sou mais feliz hoje do que ontem, porque aprendi afinal que já não tenho precisão da felicidade para libertar minha alma, apaziguar meu pensamento e iluminar meu coração.

Aqui, conto outra estoria: a de outro irmão de Luiz.

Mal me preocupava com o problema de imortalidade e morria Sílvio de Azevedo, — juntando-se as notícias à luz da mesma lágrima; mostrando, assim, que as crônicas, como as taças da amargura, — no dizer do poeta — são sempre as penúltimas...

— A última é quando o cronista morre...

\* \* \*

Ontem, era êle a me animar na operação a que me iria submeter.

Hoje, é o confortado a assistir inconsolado aos despojos do amigo que deixa inanimado e hirto as mesmas salas, em demanda da Eternidade!

— Ah! Sílvio, por que ao menos não me revelaste a seta indicadora de tua nova estrada para o possível encontro de amanhã, no Infinito!

— Por que tão silente e misterioso holocausto de tua parte, trocando todos os teus instantes pelos meus, no mundo de agora, sem ao menos um adeus?

— Apagaste, como que de propósito o teu fanal longínquo.

Crê-me, do lado em que te encontras, que fiz todo o possível para te fazer chegar a mesma Fé. Cheguei a te telefonar com insistência, porém, quem me atendeu confirmou que estavas a convalescer, imobilizado ainda pelas faixas cirúrgicas, tal como eu permanecera antes, aguardando igual período de melhora.

Queria te reafirmar, naquele instante, que todo homem generosamente bom e amigo como tu, depois de certa idade, terá de caminhar por entre espinhos e urzes, gládios e flagelos, dôres e angústias, até atingir as alturas aladas que purificam... Depois então é que alcança a luz que redime e envolve o coração compassivo, conduzindo aos páramos celestiais a que se juntam as lembranças entronizadas nas almas alheias que soube conduzir e confortar...

\* \* \*

Enfim, partiste, e o meu telefonema quase permanecia em vão!

Por pouco, envolver-me-ia o silêncio desconfortador e triste.

Felizmente, a linha não estava interrompida e ainda pudeste saber, antes da grande partida em direção ao Além, onde resides agora, que aquèle insistente tilintar no leito imóvel outra coisa não

era senão a voz pulsátil de meu coração, desejando saber se ias bem...

— Vai indo bem, graças a Deus — foi o que responderam...

— É o que lhe desejo — respondei.

Mas tinha a intuição de que andavam enganados. Porque foram os meus últimos votos formulados a quem sempre me ofereceu os mais puros e desinteressados sentimentos de amizade!

Por isso mesmo, fiz questão de fazê-lo viver e palpitar nas páginas dêste livro, em que vai muito de meu coração.

De minha memória.

De minha saudade.

Mas, numa cidade como Nova Iguaçu, não há só os que se vão para sempre, como o Sílvio. Ou como a Marieta. Existe também a mocidade que cresce e estua, andando pelas ruas e até bem a nosso lado, de que é exemplo aquela menina que está ficando moça, antes aluna de meu querido Newton de Barros, do Ginásio Leopoldo, e agora do Leonardo Carielo que, antes, fôra aluno do próprio Leopoldo: uma espécie de círculo vicioso, característico das grandes cidades ricas de tradição, onde as coisas passam de pai para filho.

Perguntou-me a curiosa aluna como haveria de se conduzir para adquirir a Sabedoria dos séculos.

— A contida nos livros?

— Não, pai. Eu quero essa Sabedoria que ensina que o Universo é um ponto no Infinito, onde os astros se põem a girar, criados pela Vontade Suprema que se transformou em Fôrça. Onde tudo, através de imensas eternidades se encontra em evolução, transformando até mesmo a matéria, para que dela se origine o Espírito...

— Tal Sabedoria terá de surgir de você mesma, do retiro imperturbável de sua alma, que outra coisa não é senão um fragmento da mesma e grande Vontade que habita em você, nos espaços atômicos de seu corpo... Essa Vontade responde a tudo! É o próprio Deus dentro de nós, em espírito e em verdade!

Então, que terei de fazer para desenvolvê-la?

— Imitar a ostra!

— Que fazem elas de especial? Encontrou-as, por acaso, em grande quantidade em Jacarepaguá ou na Barra da Tijuca, por onde passeou?

Ensinou-me um pescador amigo que, quando uma gota de chuva cai numa ostra, estando a grande estréla matutina no ascendente, aquela gota se transforma em pérola. As ostras sabem disso! Por isso, então, elas vêm à superfície quando surge a estréla e aguardam as gotas preciosas. Quando uma só cai dentro delas, fecham rapidamente as carapaças e mergulham, para o fundo do mar, onde pacientemente transformam a transparente gota na preciosa e procurada pérola. E você deve ser assim. Depois de muito ouvir e pensar em tudo quanto lhe disseram e fizeram, cerre sua mente e procure descobrir a Verdade dentro de você mesma. Essa Verdade, afirmo, outra coisa não é senão aquela Fôrça Suprema, criadora, residindo por entre os átomos, que lhe responderá... Existe um reino poderoso dentro de você, com resposta para tudo...

— Que reino é esse?

— Mais adiante lhe direi. Por ora, desejo apenas responder à sua pergunta de como adquirir a Sabedoria não contida nos livros, porque acima da Razão e do Raciocínio. Sem a atitude da ostra, não obterá tal pérola do saber...

— Terei de agir como a ostra, submergindo no oceano do pensamento, no silêncio das horas, em comunhão com a Vontade Suprema?

— Exato. Assim, você atingirá a meta desejada. Do mais profundo do seu ser surgirá a resposta e o ensinamento para tudo...

— Depois, ao final dessa filosofia, vamos comprar um presente?

— Estás ficando muito esperta!

— Aprenda, então, que os filósofos devem se tornar vegetarianos. Onde já se viu uma menina, para ganhar um presente, começar por se valer de filosofias?

— Quem te ensinou a começar pela exploração de minha boa-fé?

— Ah! Papai! O senhor não me disse para eu sempre usar a cabeça?

— Ah! Nova Iguaçu, até quando continuarão a nos surpreender com tua fôrça telúrica?

— A tua matéria sempre a se contrapor ao espírito através do binômio: pai e filha?

DECLECIO MACHADO

— Quando o espírito interpenetrará toda aquela matéria querida até que ela se desenvolva?

— E se abra qual uma flor? Até quando?

Essas indagações todas me vinham à mente.

— Agora, papai, vamos mudar de assunto. Vamos deixar essa história de bicicleta e de filosofias para trás. Vamos conversar sobre ciências, pois minha professôra, no Instituto Iguaçuano, disse bem claro em aula que a grande dificuldade do transplante de coração reside na rejeição. Que é preciso haver muito recurso, da parte do doente, para a aquisição e uso permanente de medicamentos anti-rejeição. É verdade?

— Verdade, minha filha.

— Que pena, não acha?

— Perfeito. Temos de aguardar, ainda durante algum tempo, o progresso científico, até que descubram um meio de evitar que o organismo rejeite o órgão — no caso aqui o coração — de fóra.

— E até quando?

— O tempo exato é difícil de prever-se, mas o fato é que há milhares de cientistas, trabalhando e se revezando nesse mister. Assim sendo, tal descoberta não tardará muito.

— Tenho sabido de tanta gente que tem morrido por falta de outro coração...

DEOCLECIO MACHADO

— Ainda ontem, tomei conhecimento de um caso original... Gostaria você de saber, agora, que está ficando mocinha, aprendendo ciências, quiçá começando a amá-la?

— Pai, não me faça esperar!...

\* \* \*

Não sei bem em que ponto do planeta o fato se passou. O que sei, segundo me contaram, é que vários acadêmicos de medicina tergiversavam numa roda de Hospital...

— Já sei: foi o Altair Pimenta que lhe contou.

— Atenção!

— Discutiam sobre as desvantagens do transplante cardíaco...

\* \* \*

Aquêle caso que acabavam de conhecer era recente, mas acentuavam não seria grande coisa para aquela moça, que acabava de receber no peito um coração masculino!

— Logo masculino! Mudar-lhe-á a voz, por acaso?

— Além disso — exclamava um déles! — teria de permanecer a vida tôda em regime de corticóide, contra a rejeição!

— Uma existência inteira a armazenar no organismo um produto, a fim de não morrer! Teria

— 46 —

O QUE RESTOU DOS LARANJAIS EM FLOR

que pagar por minuto de vida! Onde obteria recursos para tanto?

— Mas seria preferível a sucumbir?

Foi o que ponderou um terceiro.

\* \* \*

E realmente todos se mostravam insatisfeitos com o progresso cirúrgico alcançado, sem solução clínica satisfatória, em contraposição.

A cirurgia, tendo avançado demasiadamente, deixara para trás um problema que os clínicos não podiam resolver a contento. Ao mesmo tempo em que, no noticiário internacional, continuavam os doentes de Barnard e Zerbini a ocupar os cabeçalhos, porém ameaçados de morte, devido ao problema da recusa do órgão transplantado! ..

\* \* \*

A originalidade existente no caso de que aqui cuidamos e que estêve a intrigar os universitários que confabulavam num desvão do nosocômio, originou-se do que veio a se saber mais adiante:

A operada, criatura jovem e bonita, recebeu alta. Egressa do Hospital e recomendadíssima quanto aos cuidados em casa, não tomou corticóides ou outro sôro imunitário qualquer.

Em sua residência, calmamente, sem se perturbar um segundo, ela acumulava aqueles fras-

— 47 —

quinhos que o cirurgião semanalmente lhe oferecia, para que os usasse rigorosamente, nas horas certas, cumprindo a prescrição.

Mas ela não o fazia. E, a despeito de tudo, se julgava cada vez melhor, mais feliz e realizada!

Sentia-se tão bem em seu estado geral e naquela sensação de alegria indefinida, de poder viver, de quase felicidade, a lhe inundar o ser, que não via absolutamente naqueles remédios nenhuma necessidade indispensável de uso. Ou melhor, nenhum elemento de prolongação de sua vida...

Sim, não precisaria de nada!

Até que, tempos depois, revolvida a papeleta do cirurgião; investigado o problema em tôda a sua plenitude; revolvidos os mistérios; estudados, enfim, todos os pontos em extensão e profundidade, concluíram por dar razão à jovem, que acabava de proclamar um fato inteiramente novo, tanto para a ciência como para o mundo.

Aincidentada que fôra no automóvel, em companhia do namorado, parara o coração de ambos:

Ela, por um colápsio. Ele, pela fratura de crânio.

Transplantado, ou melhor, transferido o coração dêle para o peito dela, nova vida começava! E sem rejeição!

O amor que os unia, completava-se, agora.

De uma vez por tôdas. E para sempre!

E ela, por isso mesmo, principiava a viver a felicidade integral!

E a rua Getúlio Vargas, em que morava, por acaso, não merece umas páginas de saudade, neste livro?

Nela residiam o Sr. Décio Melo; muitos da Família Soares, como o Mique e Sinhazinha; João Barbosa; Joaquim Brigagão; Artur Sales; a família Silva, do Artur; Agostinho e Valdemar; Getúlio Moura; Faustino Kowalsky; René Granado; Silvio Goulart; Abílio Teixeira; Artur Sales, a família Gomes e muitas outras, e até a prole numerosíssima da família Gaspar. Pode-se dizer, sem medo de errar, que quase tôda a rapaziada da atual geração iguaçuana possui ou já possuiu ligação de parentesco com os antigos moradores da famosa e tradicional rua da Cadeia. E, mais tarde, dos Cartórios, visto como 80% dos tabeliães locais nela militam, quase sempre acompanhados de advogados, além de muitos outros profissionais.

O meu amigo Cial Brito, árcade dos mais conspícuos e cronista dos mais assíduos no jornalismo iguaçano, além de advogado, gostaria, naturalmente, de haver morado na mesma rua em que residi há anos, onde inúmeras vocações se cristalizaram por fôrça de enorme edifício amarelo, em que

DEOCLECIO MACHADO

funcionava o Tribunal do Juri e a Delegacia. Mais tarde vieram a construir o Hospital de Iguaçu, aonde muitas vêzes os presos iam se medicar das borra-chadas aplicadas no xadrez, que também funcionava aos fundos da Delegacia.

Assim, como eu, teria muito o que contar!

Era uma rua movimentadíssima, a hoje denominada Getúlio Vargas, ontem mais conhecida como da Cadeia, como já disse, por onde transitavam obrigatoriamente todos os casos que ocorriam no coração pulsante da cidade que ainda crescia.

Quem — como nós — nela residia, andava a par de quase todos os acontecimentos semanais iguaçuanos, porque por ela desfilavam os médicos, advogados, juízes, promotores, delegados, soldados, carcereiros, políticos, e até mesmo os casais que apresentavam suas ruginhas a serem decididas, quer no Tribunal, diante dos Juízes, quer na Delegacia, frente à autoridade nomeada.

Tal rua, aparentemente despretenciosa, reta e curta, deve ter influído muito no destino profissional de muitos de seus moradores, na maioria advogados, hoje pessoas que, na sua juventude, teriam se impressionado com os grandes vultos que por ela desfilaram, no exercício de suas longas atividades tribunícias, havendo até hoje os que ainda copiam o velho Acácio e os Serpas, nos tiques ou na oratória.

E, para um cronista como o Cial, cujo olho tudo vê, — além de bacharel das leis, haveria um mundo

O QUE RESTOU DOS LARANJAIS EM FLOR

que contar. A coleção de tal literatura daria soberbo livro, certamente; e pena é que tais figuras exponenciais, inclusive a do fecundíssimo e brilhante Getúlio Moura não hajam ainda encontrado o tempo suficiente para enriquecer o patrimônio livreiro e cultural desta cidade que já começa a ter substituídos os lampiões e as lâmpadas de ontem pelas modernas e luminosas fosforescências do mercúrio de hoje.

É bem verdade, já tal Cadeia não existe mais e, em seu lugar, se ergue uma Igreja, — enorme catedral de amanhã — a Igreja de Nossa Senhora de Fátima e São Jorge. Todavia, escrevendo, fariam reviver, inclusive, a inteligência dos iguaçuanos, marginalizados ou não, daqueles homens que agitavam as autoridades, movimentando a urbe, intransquilizando ou revolvendo o seu meio social com as atitudes que, boas ou más, davam vida à cidade, enfim, às atividades que a particularizavam, emprestando-lhe as genuínas características de então, de que as de hoje são corolário.

O bom cronista ou o conferencista deve ser feito para tal, no jornal ou na tribuna, falando ou escrevendo.

Como contribuição a êsses iguaçuanos ilustres de quem tudo espero, ainda, ouso oferecer-lhes uma série de anotações colhidas por outrem, por alguns nas paredes do casarão amarelo, sobre que ainda deverão discorrer um dia, porque constitui o berço e inspiração de muitos valores da geração atual de bácharéis conterrâneos.

DEOCLECIO MACHADO

Se não constitui uma antologia, revela-se pelo menos uma filosofia de vida que os intelectuais e cronistas hodiernos não devem perder. Reflete, quanto mais não seja, o pensamento dos simples e ocasionais detentos, relativamente aos que mouravam, no Júri; aos que militavam nos Cartórios adjacentes ou mesmo na Delegacia em frente, ou ainda nas ruas, em liberdade aparente...

Anotem esta coisa espirituosa e ao mesmo tempo util:

— Advogado é que nem taxi: a gente aluga para seguir qualquer caminho ou vala...

— O mal do malandro é achar que todo o mundo é otário.

— O Júri são sete homens reunidos para ver quem tem melhor advogado.

— Cadeia é cemitério de malandros, onde o otário implora a Deus para sair e o malandro sofre resignado.

— Não tenha pressa: ninguém jamais chegou atrasado ao seu próprio enterro.

— Pra quem não teve pai nem mãe, ser maltratado ou bem tratado é indiferente...

— Quem pensa que o dia tem 24 horas nunca foi preso.

— A cadeia é longa, mas não é perpétua...

— Você não é malandro: malandro é aquêle que está na rua...

O QUE RESTOU DOS LARANJAIS EM FLOR

— Não acordem o pobre que dorme: sabe lá se está sonhando com riquezas?

— Nascer, demora. E dizem que é sacrifício: Não me lembro. Mas chegar a ser homem é que é duro!

— Quem recusa a rosa, merece o espinho.

— Aqui, os cobras viraram minhocas...

— Barriga de perna grande não é fartura!

— Vê se não dá aspecto de hotel do interior: só falta a négra!

— Contar a minha vida seria arruinar uma ferida que já está curada.

— A casa do mentiroso se compõe de cinzas, cujo incêndio ninguém acredita.

— Hoje em dia não há nada mais vulgar do que o pecado original: pergunte só a ela!

— Trata do homem que tem a vida ligada a uma mulher de... vida...

— É aqui que o homem encontra os chifres da mulher...

— ... e obrigado pela hospitalidade desta casa. Deixo-lhe pequena lembrança, mas imorredoura: uma penca de bananas...

— O excesso de esmolas e de benefícios não melhora o peso da consciência de ninguém.

— O ladrão já nasce doente por dinheiro.

DEOCLECIO MACHADO

— O mundo é bem feito: o tormento da abundância á igual à tortura da miséria. Venha ver...

Como podem verificar, o presidiário é também muito imaginoso, além de possuir uma filosofia peculiar e interessante. Só está à espera dos cronistas e intelectuais para coligirem tão belo quanto original acervo.

Dos políticos e administradores fluminenses, dos últimos tempos, que por aqui passaram, quem melhor conheci e bem de perto, foi o jovem inteligente e dinâmico Roberto da Silveira. De logo, muitos tentaram absorvê-lo, e, com os seus recursos, envolvê-lo, mesmo, inclusive até, desgastando moralmente alguns de nossos pares, para gozar das primícias de tão alta amizade e algum prestígio. Que a vaidade humana às vezes desce a nadires tão profundos e abismais, que o simples relato pode encher de sombras capítulos onde só deve haver pensamento de luz e benquerências. Foi quando quase abandonei a Arcádia entre triste e decepcionado com tal política.

\* \* \*

Contemos sómente o lado melhor da memória:

Há algum tempo, lá pelos idos de sua última campanha política, ofereceu o falecido governador fluminense, Sr. Roberto da Silveira um suculento e bem úmido almôço à Arcádia de Letras. Durante o mesmo e em meio à animação dos presentes, prometeu uma conferência, em nosso principal sodalício de letras, sobre Raul de Leoni, seu poeta pre-

ferido, cujos versos recitava muito bem, como prova de que tinha bom gôsto para as sobremesas. Em sinal de agradecimento, disse-lhe ao pé do ouvido, o que vai reproduzido adiante:

"Que foi realmente pomposa a epígrafe que escolheu para denominar êste delicioso ágape: "Aos intelectuais de Nova Iguaçu".

Até a Arcádia Iguaçana de Letras, que se vê representada aqui por alguns de seus pares, sentia-se sensibilizada ante denominação tão alta, estrelada por bondade.

E' que nossa cidade, honrada e feliz com tão ilustre presença, sobre ser modesta, é composta de pessoas que lutam para servi-la. Quase todos os que aqui se encontram à sua volta são devotadíssimos à causa de seu progresso. Daí a existência de núcleos literários, a presença de alguns admiradores das coisas do espírito, assim como a colaboração de muitos, conforme já observou, em nossa imprensa hebdomadária, que acabou de visitar — o único veículo de que realmente dispomos para as expansões intelectuais. Não dispomos de prelos livreiros. O que temos é imprensa que, aliás, constitui nossa melhor e mais fecunda forja de trabalho.

Muitos dos livros aqui lançados, alguns dos quais já oferecidos gentilmente a V. S., saíram dessas mesmas páginas, depois de anos e anos de contínuo e desinteressado labor.

Desta sorte, podemos lhe afirmar que, entre nós, o jornalismo representa a nossa seara, a agremiação, a principal trincheira partidária, visto como os políticos, no que diz respeito a ela, são todos mais ou menos ausentes. Embora o tempo possa modificar a assertiva, os que usam o fulgurante título emprestado por V. S., como um diadema espiritual, são todos os que pensam, agem e pesquisam, tendo principalmente as folhas locais como veículo de disseminação de idéias.

A própria Arcádia local surgiu de uma delas, num domingo de sol, sob a égide da digna promotora, representada pelo Sr. Raul de Figueiredo Meireles, um dos nossos maiores colaboradores.

O intelectualismo aqui se forma assim. Até que V.S. permitindo outros impulsos, o desenvolva de outra maneira, sobretudo colaborando conosco na instalação de bibliotecas, de salas de conferências e de recepção, — tudo até agora improvisado, senão emprestado.

Por isso mesmo, talvez, sejamos todos meio tímidos, como naquela história contada por Castro Menezes, — promotor público e poeta: Numa família tranquila, havia um velho almirante reformado, que constantemente se lamentava de não haver prestado à Marinha e ao Brasil os serviços que mereciam. E de que se julgava capaz.

Então, alguém, com visível intuito de consolá-lo, ponderou:

— Mas você ainda os pode prestar...

O almirante refogou:

— Ora essa, se estou reformado...

— Mas pode reverter, como o Jerônimo Gonçalves e o Jaceguai... Mesmo reformado, pode ser até Ministro: olhe o Baltazar da Silveira...

Foi pior.

O almirante mostrou-se mais desalentado:

— Isso não é para mim. Você caçoia, comigo: Eu, ministro!

— Pois é, você seria um grande ministro!

Apoiaram-no os demais parentes. Por sua parte, o almirante reiterou a negativa. Acalorou-se a divergência.

Quando tudo amainou, a velha irmã do almirante, que hábilmente cochilava na cadeira de balanço, tendo se interessado pelo debate, proferiu estas palavras animadoras:

— E' sim, meu irmão, outros piores têm sido...

Traduziram tais palavras o estímulo implícito, decisivo de tôda a gente, naquele tempo. Os mais altos postos do governo, das academias literárias ou científicas, até os de mais graves responsabilidades, — todos passaram a ser encorajados pela mesma expressão divulgada pelos jornais e que fêz época:

— Outros piores têm sido...

Aqui em Nova Iguaçu, em franco e indiscutível progresso, quando não havia jornais nem escolas, quando tudo se fazia naquele andar das carruagens, já existiam muitos Homens trabalhando pela nossa História.

De modo que, enquanto não surgirem substitutos, com o reconhecido esforço e boa vontade daqueles, vamos nos desincumbindo da melhor maneira possível, oferecendo o máximo da modesta atividade, pela elevação do que é nosso.

— Outros piores têm sido...

\* \* \*

Roberto da Silveira,

V.S. acabou de nos oferecer êste almôço magnífico, com o intuito elevado de averiguar honestamente de como se trabalha, pensa e age intelectualmente, em Nova Iguaçu. A amostra que lhe oferecemos é pálida sem dúvida alguma. Todavia, exibe uma sigla curta — AIL, — de par com a atividade permanente de certo grupo, na imprensa local, em coisas de teatro e arte pictórica.

Se isso não nos diminui, inclusive entre os nossos, podemos ir avante, dizendo que temos progredido todos através do estudo e do jornalismo, considerado, como é certo, "a grande forja de trabalho". "A gente vai sem querer evoluindo no noticiário e sentindo de perto crepitações da vida comum" — dizia Felix Pacheco.

Demais disso, o jornalista pode, na prática profissional, polir o estilo, desembaraçá-lo, aprimorá-lo, torná-lo mais claro, direto, conciso, chegando até a escritor. Estamos a lembrar-nos do Sr. José Eduardo de Macedo Soares, perfeito na caracterização de cada momento político; de Assis Chateaubriand, que acabou ingressando na Academia Brasileira de Letras, juntamente com o Sr. Elmano Cardim e Austregésilo de Atayde — este originário do claustro, com a fé acrescida de prendas artísticas.

No momento atual, a imprensa se caracteriza por um esforço permanente no sentido de conduzir o povo a uma verdadeira democracia. E nesta cidade, com a cordura e suavidade de seus métodos, se encontra numa etapa adiantada, para o desenvolvimento, sobretudo intelectual, de nossa gente. Informa sem ferir nem mentir, além de trabalhar ao lado dos governos municipais, honestos e bem intencionados .

Como colaboradores, é o que procuramos fazer, merecedores ou não do pomposo título com que fomos gentilmente distinguidos, nesta memorável reunião de hoje, muito à conta da generosidade de V.S. inegavelmente merecedor de muitos êxitos ao longo de sua bela trajetória política, em marcha cerrada até ao governo da Velha Província".

Agora, vejamos se a AIL merece ou não os lardões da imortalidade. Melhor dizendo:

A Arcádia Iguaçuana de Letras não é imortal pelas suas cadeiras, mesas, salões, pelas suas luzes, enfim. Mas pelo que ela fêz e legou, deixando impregnado no coração e no espírito dos iguaçuanos, nesses 3 lustros e picos de existência, completados em agosto, dia 11.

Se dispuséssemos de tempo e vagar suficientes para discorrer sobre tudo quanto nela ocorreu nesse interregno, teríamos dito muito mais que meus volumes impressos até aqui, em sua homenagem. E se, de outra sorte, os árcades mais conspícuos se houvessem atirado à mesma tarefa, com os mesmos objetivos e desejo, teríamos obtido o precioso acervo da imensa bibliografia — para recreio, estudo e meditação dos pôsteros. Visto como as árvores, para seu necessário crescimento, não dispensam as raízes fixadas ao solo, ainda que venham de plagas distantes. Tal é a grande lição da natureza a ser colhida. Que se debatam os detratores em contrário, desrespeitando as sepulturas, as tradições...

Assim, guardadas as devidas proporções, lembramos ao nosso estimado e distinto Newton de Barros, árcade dos mais cultos, cuja última entrevista, nos sacudiu — que, se êle houvesse trilhado, mesmo quêdo e mudo de decepção confessada, o caminho do apostolado arcádico, — como se revela inexcedivelmente, e com outro entusiasmo, nas trilhas do Mestre, que vive em seu coração, — não a teria abandonado, como diz a entrevista. Pois o que o Mestre pregou em três anos apenas, dos trinta aos trinta e três, nas montanhas e planícies da Palestina, entre o Gethsêmane e Tabor, de Tiberíades a Genesaré, até hoje, decorridos quase dois mil anos, ainda é motivo de reuniões e conferências. A Arcádia de ontem, com quinze anos de existência, isto é, com o triplo do tempo e mais algumas sobras recentíssimas, quanto mais não fosse, lhe teria permitido pugnar fecundado por alguns meses mais, até o término de seu mandato, pelo menos. Do mesmo modo como aquêles que O amaram: se se dispusessem a escrever sobre a sua tão excelsa quão divina figura, como o fizeram apenas os quatro apóstolos, o universo em que vivemos não seria suficiente para conter os volumes esclarecedores das mensagens de seu Verbo, — mesmo sem incluir as infames diáatribes fornecidas pelos farisaicos **escritas** e doutores da lei, que procuraram denegrí-lo e enxovalhá-lo, falsamente.

Se lhe acrescentassem às suas palavras e exemplos, Newton, no maior testamento da História iguaçuana, tal literatura, de injustiça e maledicência, como fazem os antiárquides, nos meios-tons, então,

repetimos, as bibliotecas daqui e alhures certamente não poderiam conter tanto acervo, entupindo-se pelo excesso, havendo a necessidade de têrmos e recorrer à esteira da imensa cauda do recém-aparecido cometa japonês, de milhões e milhões de quilômetros no cosmo, para reunir todas as tintas e vitupérios atirados à face de uma instituição que outra coisa não tem feito, no curso de sua existência, senão trabalhar e servir, em benefício da cultura. E, consequentemente, do progresso local.

Por isso, e justamente por isso, é que defendemos aqui a tese de que a Arcádia permanecerá imortal, ainda que, através de um golpe fatal, armado pela mão dos que a espreitam, lhe seja atingido em cheio o coração. Mesmo que tudo também se repita e obedeça às ordens dos falsos tribunais onde se assentam os caifazes e outros descrentes dos grandes destinos para as quais ela nascera.

Há mais de quinze anos combatida pelos que nunca acreditaram em seus propósitos, até hoje só reclama, com a sua longanimidade, o testemunho de fé, para que todos se salvem. Através de seus feitos e realizações, ela misteriosamente sabe que a memória de sua figura permanecerá eterna através dos tempos, talvez por ser a única instituição fluminense, combatida com veemência desde os seus albores, pelos Herodes do medo, receando, como ontem, o adulto que cresceria naquela criança tida como herdeira das grandes mensagens!

Do mesmo modo pelo qual a Arcádia pressente, pela força ingênita com que nasceu, que, para

a sua perpetuação, ainda que lhe enterrem todos os despojos orgânicos, lhe restarão os restos fúneiros de seu milagroso manto, quiçá a palavra penetrante de todos os que gozaram o privilégio de sua companhia, dos que conheceram e tiveram a permissão de usar, bem em cima do peito, sua sigla de prata — AIL — para deixar estupefatos e ao mesmo tempo aturdidos todos os que, por falta de aura espiritual, não possuíram condição suficiente para se assentarem sob o céu azul de sua grande e inesquecível confraria!

Porque destruir um sodalício tão bom quanto alto não se pode valer apenas das armas comuns às feiticeiras, dos ingredientes usuais de sua alquimia, montados todos em uma vassoura, com os dentes afiados, a querer varrer as nuvens nas alturas ensolaradas!

Será mister muito mais, como nos conta aquela historia ocorrida em outras plagas, em rincões longínquos, onde também procuraram, com os mesmos ardis e grupos malévolos, apagar uma instituição como a Arcádia, começando por eliminar o brilho da lua que a clareava, assim como os cavalos brancos de neve, que a serviam, além das estrélas que tremeluziam na imensidão das noites poéticas, de reunião.

O órgão e o infeliz, incumbidos de tal destruição, de uma miopia mental muito mais acentuada e grave que a cegueira física, se obstinaram em vão nesse tentame: com o dinheiro e com a má-fé, subtraídos dos que nêles confiaram, de par com a

ineficiência de conhecimentos gerais, procuraram deitar uma cortina de fumaça no ar, para interceptar o prateado luar, bem como a claridade estelar oriundas do Infinito!

Porém, tal obscurecimento foi apenas parcial, visto como, por todos os lados da tal cortina de fumaça, perpassava a luz. Resolveu então valer-se de indispensáveis e vitais adjutórios, já que êle sózinho nada podia realizar.

Sem embargo, muito além dessa nuvem artificial continuavam a brilhar a lua e as estrélas.

Até que, desanimado, quase a desistir de tal intento, lhe aparece um conhecido, bem mais inteligente e nobre, que, penalizado de tanto esforço inútil, resolveu orientá-lo.

Depois de solicitar-lhe pequeno salário, a fim de tirá-lo da vergonha e do ridículo em que cairia sózinho, propôs-lhe ensinar a chave do segredo, a solução para o que desejaría, na sua ânsia de destruir!

E após provar-lhe que não se consegue apagar impunemente a luz dos astros, exibiu-lhe, entre risonho e condescendente, como o fazem os sábios, o sol. Sim, apontou-lhe o astro-rei afirmando-lhe que apenas êle, e sómente êle, com a sua intensa claridade, por tôdas as latitudes e longitudes do firmamento, poderia extinguir e reduzir tudo ao aniquilamento, conforme êle desejara e planejara; há dois lustros exatamente, desde que a conhecera na distância em que fôra mantido.

Sòmente assim, aduziu ainda, poderia êle, o executor, em vez da débil cortina de fumaça, fazer desaparecer no mesmo instante a semi-luz da lúa e das estrélas, no céu arcádico!

— Muito obrigado, agradeceu êle ao modesto colaborador, tirando duas baforadas de seu cigarro feito de enxofre, soltando-as ainda pelas narinas, asfixiando e contaminando a atmosfera, qual rútilo demônio exaurido e arquejante, com o rabo de fora, — despcionado e vencido pela inteligência mais alta!

— Mas como conseguir o sol se até eu, — dizia de mim para mim — com menos poder que um simples vagalume, caído do céu, a vagar pelos espaços, também serei envolvido, desaparecendo em meio à claridade?

— Então, meu amigo, receba êsses trinta dinheiros de volta, não traia mais seus amigos de ontem e guarde a maldade! E lembre-se, para todo o sempre, de que Lúcifer também quis brilhar, falsoando! Homem nenhum, ao que eu saiba, poderá encurtar o tempo do que nasceu para ser Eterno!

E continuando:

A Arcádia é imortal! Ainda que lhe subtraiam todos os bens materiais, restar-lhe-á, para sempre, a fôrça do Espírito que a originou, presente no coração de todos quantos a amaram, porque nela acreditaram.

E muitas razões de espírito existem também para conferir-lhe imortalidade. Vejamos algumas:

Antes de sair, nessas minhas merecedoras férias, quero dar o testemunho da existência de um ranzinza na Academia Brasileira de Letras. Para provar, também, que tanto aqui — na ABL — como lá, ranzinhas há.

O Luiz de Azeredo era um dêles: o leitor nem de leve pode imaginar a dificuldade que havia para controlar o Luiz quando êle vislumbrava um quê de violação aos Estatutos ou ao Regimento Interno. Era um Deus nos acuda! Já meio maduro, com o prestígio que sempre possuiu entre seus pares, sobretudo pela dedicação e interesse relativamente a tudo quanto dizia respeito à Arcádia — era uma luta controlar os nervos do Luiz quando uma cerimônia ou um programa qualquer, uma vez elaborado, não se enquadrava nos padrões rígidos preestabelecidos!

Virava bicho o redator-chefe do nosso principal hebdomadário e ocupante da cadeira cujo patrono é o seu inolvidável pai!

DEOCLECIO MACHADO

E quem sofria era eu, e depois o Pimenta, na redação!

\* \* \*

Agora, folheando um noticiário relativo ao centenário de Olavo Bilac, comemorado com gala na Academia Brasileira de Letras, depois de eu dizer satisfeito que ela andara a imitar a Arcádia ao conduzir para os seus salões a voz, os gestos e o tamanho de Margarida Lopes de Almeida — tão grande que a ela fôrada dada a incumbência de, como escultora também, cinzelar as mãos abertas do Cristo Redentor, no alto da Baía de Guanabara, — deparo a opinião do ranzinza de lá, Maurício de Medeiros, no tocante ao referido centenário! Esperneia êle:

"Foi uma festa pífia a sessão com que a Academia comemorou o centenário de nascimento de Olavo Bilac. Não sei o que o nosso querido Austregélio de Ataíde fêz de sua arte de "savoir-faire", ao programar aquela sessão.

Sendo o orador oficial o atual Príncipe dos Poetas, Guilherme de Almeida, não comprehendi a razão do longo discurso de Pedro Calmon, apresentando ao auditório Guilherme de Almeida, membro da própria Academia!

Nem que fôsse estranho! Não caberia tanto!  
E que calor!

Para arrematar os disparates, contrariamente ao disposto no Regimento da Academia, que não

O QUE RESTOU DOS LARANJAIS EM FLOR

permite a estranhos falarem nas sessões, a declamadora Margarida Lopes de Almeida, que foi um dos ídolos do povo carioca quando há quarenta anos (!), era moda a declamação, veio repetir o longuíssimo poema "O Caçador de Esmeraldas!"

A temperatura interna, da Academia, era igual à externa! Imaginem só, todos de fardão!

Ivan Lins (tão admirado pelo Luiz, também) e eu comparávamos aquilo tudo a uma festa na roça ou ao encerramento das aulas em grupo escolar, o que foi confirmado, ao dia seguinte, pela cronista Pomona Politis, que muito admiro.

Em suma foi uma festa ridícula! A única qualidade dela foi que durou menos de hora e meia, falando Guilherme de Almeida vinte e cinco minutos sobre Bilac, isto é, muito menos do que Calmon falara sobre Guilherme!"

DEOCLECIO MACHADO

Agora, leio nos jornais que esta última sessão da Academia Brasileira de Letras, em homenagem a Olavo Bilac, além de ter constituído notícia, pela presença do Presidente da República, foi da maior importância porque nela caiu um dos mais rigorosos tabus — uma espécie de protocolo liziano — que proibia o acesso das mulheres à tribuna da Casa de Machado de Assis.

\* \* \*

Quem derrubou tal protocolo foi a poetisa Margarida Lopes de Almeida — a mesma que Rui Afrânio trouxera à Arcádia — a qual, durante a sessão, recitou o poema Caçador de Esmeraldas, igualmente declamado aqui. Sendo que, dessa vez, os acadêmicos Guilherme de Almeida e Pedro Calmon também falaram, lembrando a figura de Olavo Bilac — o príncipe dos poetas brasileiros e também fundador da Academia Brasileira de Letras.

No solar do Dr. Ataíde Pimenta perpassava uma brisa sulina que aumentava o sorriso e a alegria dos presentes.

Nos salões da Academia, por sua vez, quando ao final, o presidente Castelo, acompanhado do acadêmico Austregésilo de Ataíde, recebia os cumprimentos dos "imortais", saudosíssimos dentro do calorento e elegante fardão, um dêles comentou, lembrando o nosso Paulino Barbosa ao despedir-se:

"A presença de Margarida foi a vitória final do

O QUE RESTOU DOS LARANJAIS EM FLÓR

sexo belo e preferido, e esperemos que agora as sessões deixem de ser monotonamente masculinas"...

Aqui, no solar dos Pimenta, arejadíssimo e moderno, todos também acharam que Margarida deslumbrou, enchendo a noite de comentários que perdurarão por tanto tempo quanto perdurar a poesia...

Que instantes inesquecíveis! Como a Arcádia também soube promover, minha gente! E até antecipar-se!... Perguntem só aos iguaçuanos de boa memória! E que almejam o progresso desta terra!

Sim as histórias se repetem!

Ah! Luiz, como ainda te tenho em meus ouvidos pelo muito que me disseste!

O teu reino "de ranzinhas", jamais poderia eu imaginar, como é tão vasto e variô!

Tanto na Arcádia como na Academia!

Penetremos um pouco por êstes desvãos:

Quando da solene instalação da Arcádia Iguaçana de Letras, presente como convidado de honra o Acadêmico e Magnífico Reitor Pedro Calmon, nosso maior tributo, Getúlio Moura, fôra convidado para o discurso inaugural. O salão principal do Fórum estava à cunha!

Um calor de rachar!

Parecia aquela reunião à que Maurício de Medeiros aludia atrás!

Cedida a palavra ao iguaçuano, êle começou magnificamente, agradando ao próprio Reitor.

Com o decorrer dos minutos, discurso visivelmente improvisado, tomado de alguma fadiga, ou

DEOCLECIO MACHADO

talvez mergulhando profundamente no tema oratório escolhido, principiou Getúlio a trocar o nome de Pedro pelo de Miguel Calmon. E todos perceberam, inclusive o próprio Reitor, que justificou o engano, mais adiante, pelo conhecimento que Getúlio Moura tivera da vida de Miguel Calmon, antigo Ministro da Viação, a que se ligava a Rêde Ferroviária Federal, de que Getúlio viria a ser Presidente, muitos anos depois.

Houve uma pausa, aí.

Surgem os comentários pró e contra.

Todos os jornais comentam o êxito da solenidade inaugural da Arcádia.

Foi quando começamos a tomar conhecimento da personalidade de Miguel Calmon, dessa vez narrado por Júlio Moura, em "Contos Possíveis". Miguel Calmon começa a crescer.

Leio mais isto:

Certo diretor havia encaminhado ao Ministro Miguel Calmon o expediente para o pagamento de um fornecedor do Ministério. Não obstante o "visto" de Artur Azevedo, no documento respectivo, notava-se flagrante discordância entre a requisição da verba e o total da dívida.

Ao dar pelo engano, exarou Miguel Calmon o seguinte despacho no processo: "Volte ao diretor da Contabilidade para esclarecer, pois, apesar do seu visto, o expediente não está certo".

O QUE RESTOU DOS LARANJAIS EM FLOR

Artur Azevedo, logo a seguir, preocupado com o enrédio de alguma peça de teatro, por fazer, restituui o processo com esta informação:

"Sr. Ministro: Confesso que pus o visto, mas não a vista neste expediente".

Miguel Calmon, ao ler a informação, não pôde deixar de rir.

E nós também, ao nos lembrarmos do ledo engano de Getúlio Moura, relativamente a Pedro, Calmon, que insistia em ser Miguel...

O prof. Rui Afrânia Peixoto, que ocupa na Arádia Iguaçiana de Letras a cadeira cujo patrono é João Manoel Pereira da Silva, continua no seu afã de pesquisas históricas em torno de nosso grande Município.

E muitos há que lhe louvam o mérito, pela importância de tais acervos, cada qual mais valioso, na composição de nossa colcha de retalhos.

Um pedaço hoje, outro amanhã, mais outro ao depois, acabarão por completar o nosso manto, que poderá transformar-se num pálio histórico, sob o qual se lhe permitirá caminhar, arrastando a admiração e o respeito dos iguaçuanos estudiosos e verdadeiros.

Às minhas mãos, cedido por um seu confrade, acaba de chegar sua última publicação encadernada, com o título "Imagens Iguaçuanas". Em alguns passos, chega a ser minucioso. Melhor será dizer até que constitui imperecível coletânea de trechos, com veios de ouro genuinamente iguaçuanos, o que deverá ser guardado como relíquia por quantos cultivam, em suas bibliotecas, livros e fatos locais, como quem acumula tesouros. Pena é estar tão aspeado! Rui não cria para ser real!

DEOCLECIO MACHADO

Depois diz que eu é que transcrevo demais.  
Nanja êle!

De tanto estudar a personalidade de seu patrono, acabou por absorvê-la definitivamente, a ponto de me fazer lembrar o que se passou, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, há quase um século.

Ao fazer o elogio de J. M. Pereira da Silva na tribuna daquela Casa, que substituia então a Academia Brasileira de Letras, em seus começos, afirmara Joaquim Nabuco que os trabalhos do historiador conterrâneo constituiam uma aperitivo para a História!

José Veríssimo, presente à sessão, fêz êste reparo à frase do Secretário-Geral da Academia:

— Um aperitivo, sim, mas com a condição de não se ir ao fundo do copo.

Mas Rui Afrânio, apesar de abstêmio, sorveu-o à lia quanto pôde...

Não para embriagar, mas para inebriar o auditório...

E, realmente, certa vez inebriado por tanta coisa que o Rui Afrânio prodigalizava, umas vêzes descobrindo, outras vêzes inventando, tudo para me empolgar, cheguei até a escrever que, agora, já a Academia de Letras é que imitava a Arcádia. E, depus, nas memórias daqueles idos:

A pouco e pouco os protocolos da Academia Brasileira de Letras vão ruindo, para ceder lugar à Evolução e à Beleza...

Haja vista a entrada de Jorge Amado e outros novos no sodalício da Av. Presidente Wilson...

Ontem, eram os tradicionalistas a brigarem, a fim de manter a rigidez dos protocolos, uma espécie de pedra angular de sustentação da casa, — cujo principal representante e vigil baluarte, aqui "nos laranjais", era Luiz de Azeredo... (Que ninguém espalhe...).

Durante as reuniões e, mesmo, depois delas, e até na redação do "Lavoura" onde se completavam e imprimiam as notas, eram constantes os arrufos entre Deoclécio Machado e Luiz — porque êste se mostrava impertérrito defensor da "linha dura" nos ceremoniais públicos, enquanto aquêle defendia um meio-térmo com que Luiz não concordava...

Luiz, meio Machadiano na formação, admirador de Graça Aranha e Raul Pompéia, havia assimilado um estado de espírito e de ânimo que sómente a intervenção e as gargalhadas do Pimenta conseguiam aplinar...

— Nada deveria quebrar os protocolos!

Por outro lado, se Luiz aqui era assim, havia também os que pensavam como Laudelino Freire e Carlos de Laet que desejavam, lá, a presença de senhoras na confraria, divergindo de Clovis Beviláqua e outros, que ameaçavam de abandoná-la, de vez, em caso de insistência...

"Devia-se deixá-las entrar — argumentava Laet  
— porque já trazem consigo as cadeiras".

\* \* \*

E nada obstante as discussões, tanto cresceu a Academia, como ia crescendo entre nós a Arcádia, até que chegou o dia de o Altair Pimenta programar a solenidade inaugural de nossa Academia no solar pertencente ao seu pranteado irmão Ataíde, no dia 11 de agosto, com a presença de nossa melhor sociedade, autoridades e da poetisa Margarida Lopes de Almeida, especialmente convidada pelo árcade Rui Afrânio Peixoto, muito atuante e entusiasmado naquela ocasião. Ainda não era rádio-amador.

E se empregava a fundo em benefício da instituição, farejando o Município de ponta a ponta, a

— 80 —

fim de descobrir, aqui e ali, relíquias históricas do mais alto valor. De uma feita, chegou a levar-me a um pôrto fluvial, onde até vestígios de ruas asfaltadas havia, com escadas, além de velhos barcos, âncoras e correntes de escravos.

Mas voltando à solenidade inaugural:

Luiz cedera um pouco, e todos nós também, para o nascimento luminoso de nossa principal instituição, tão bela e promissora qual aurora boreal...

Rui Afrânio chegara até a convidar a Sônia Marila Argenta para um recital extra, de músicas clássicas, nos intervalos programados.

\* \* \*

E o resultado foi o que todos vimos: um deslumbramento completo, com a retirada feliz de todos os convidados, que não se cansavam de elogiar as iniciativas, tanto da fundação da Arcádia, entre nós, como dos convites, à grande Margarida Lopes de Almeida, além da promoção dos outros recitais de músicas selecionadas.

\* \* \*

Já lá se vão quantos anos, desde 1955 !

Parece, até, que estamos a ler notícias de cinquenta anos atrás! O Pimenta ainda não havia deixado crescer as barbas e, como eu, ainda tinha a cara de moço!

— 81 —

Como viram, a Arcádia envolveu tôda uma época.

Os jornais e revistas continuam. Um, tendo nascido muito antes dela. Outro, depois.

O "Correio da Lavoura" e o "Iguacu News" andam agora prenhes de colaboração jornalística, sobretudo de locais.

Cial Brito, Newton de Barros, Raul Meireles, Silvino Silveira, Antenor Magalhães Amaral, Confrade, Reconvinte, Darcy Muguet, Labuto, Ney de Barros, João Barbosa, Rozinda Martins, S. Pereira Dias, Salvador Barbosa, Lourdes de Almeida, Dr. Antonio Bellot de Souza, Wilson Pereira Braga, Dr. Oscar Tiradentes, Maria Helena Pinto, Dr. Ruda Vilanova, Thiers Filho, Artur Barroso, Ednilson Wanderley, Waldick Pereira, além de outros, constituem aluvião — ou alude — apreciável. Isso sem falarmos na vasta publicação feita exclusivamente para funcionários e credores da P. M. N. I. Literatura extensíssima, tão absorvente para seu autor que o deixa impossibilitado de escrever as "memórias" em que muita coisa interessante apareceria sobre a vida de nosso Município...

Como leitor assíduo daqueles semanários vimos acompanhando exaustivamente, e bem de perto, as idéias e estilos de cada qual, derramados, uns, no frontispício, no rosto do jornal; outros, nas páginas internas, como nós, onde parece haver mais calor, jungidos entre os tipos miudos, mais noticiosos e palpitantes, em frente à segunda página, no canto da terceira...

Podemos garantir até que existe curiosidade em torno de certos pseudônimos, até agora mantidos para dar idéia dos punhos de renda com que enfeitam suas manifestações literárias, principalmente os que preferem pérolas linguísticas, em latim, mais que em português, cansados que já se acham da trivialidade camoniana... Um dia, talvez cheguem ao sânscrito, por motivos óbvios que os árcades perfeitamente compreenderão... **Revertere ad locum tuum...** que melhor traduzido, quer dizer: reverta ao teu local, à tua cadeira...

Assim, o latim e até o grego se tornam fáceis... Uns como o Cial Brito, são permanentes. Constantes. Férias, sómente no Banco do Brasil. Vê-se logo que gosta imenso de escrever. Até conversas de lotação servem... bem como as filas de cinema, para ver filmes franceses... O assunto pode vir do asfalto, do chão... Basta olhar...

Outros, como o Confrade, agarram-se ao nôlício da Arcádia como a ostra ao casco do navio. Nessa viagem em torno às letras locais, tão cedo não largará o timão do heróico veleiro AIL que agora tem como comandante o Dr. José Fróis

Machado, atualmente credor das simpatias gerais por haver conseguido quase um milhão ou mais, para a nossa principal instituição cultural, a menina dos olhos de muitos. Depois falaremos, senhores árcades...

Volta e meia são obrigados a circular, que a minha memória não os deixa...

O Silvino Silveira, apesar de ser o autor de "A lapis", só utiliza a Remington. E portátil, ainda por cima. Do último tipo. Agora, está tremendo de amor ao Chile. A terra sacode lá, e ele estremece aqui. A lapis, mesmo, quem escreve é o Newton de Barros, aliás a dever uma resposta ao Confrade, sobre assuntos ligados à habitabilidade de outros mundos, suspensos no espaço...

Viu como aquele último disco voador quase cegou o guarda?

Como o magnésio puro, fragmento de outro disco encontrado, premiou dois engenheiros-químicos americanos que o caracterizaram, nas retortas?

Confrade, que não deseja permanecer no ar, contou ao Newton que certo professor russo levantara a hipótese da existência de, pelo menos, uns 150.000 planetas de nossa Via-Láctea, com população igual à nossa. Falando e respirando. E o Newton prometeu emitir opinião a respeito, embora saiba que muitos de um modo geral não sejam por estas outras moradas, nos desvãos do universo...

Como quer que seja, iremos aguardar a res-

posta, enquanto não a revelarem outros colaboradores, de vez que, dia 21, do mês passado, deparamos outro telegrama não menos importante, ligado ao assunto agora proveniente da Califórnia (U.P.I.), dizendo que o Dr. Ronald N. Bracewall, professor de engenharia elétrica e autoridade mundialmente conhecida em rádioastronomia, exortara aos rádio-amadores — atenção, Dr. Rui Berçot de Matos! — a se manterem mais atentos para captar os sinais que de outros planetas devem estar enviando à Terra. Acrescentara que muitos astrônomos, inclusive êle próprio, acreditam haver comunidades de sérés inteligentes em nosso conjunto estelar. Tais sérés, a seu ver, já devem ter estabelecido contato entre si e agora procuram, coletivamente, estabelecer aproximação com a Terra e outros corpos celestes. Segundo o Dr. Bracewall, mais avançados que nós, êles estariam enviando aeronaves espaciais ou satélites não tripulados a estrélas situadas a enormes distâncias de suas bases. Êstes veículos, por sua vez, enviariam mensagens pelo rádio e poderiam ser capturadas da Terra. Talvez, por isso, muita gente ande tonta.

Pelo visto, o assunto é palpítante, e não poderíamos deixar de emitir opinião a respeito, aguardando mesmo, com certa ansiedade, o resultado final disso tudo. Sem embargo, outros e muitos outros colaboradores continuam a desfilar ao longo destes assuntos que, se emendados dariam não sei quantas voltas no globo terráqueo. Cada qual

com seu estilo. E' a luta dos que sonham, de par com a imortalidade literária, aprender ou divulgar alguma coisa, embora no íntimo, saibam que a melhor maneira de garantí-la seja essa: viver o máximo possível...

Nesse pedaço, começo a ausentar-me de Nova Iguaçu e da Arcádia, ocasião em que a saudade dela e dos confrades ameaça assaltar-me.

E' quando princípio a enviar missivas, à espera de respostas, à beira do mar, mas fora das ondas...

\* \* \*

Mais uma vez Luiz:

Recuperado de uma crise hipertensiva, subitânea, sómente ontem pude ler o "Lavoura" lançando a 25 de julho, dia de meu aniversário, inteiramente aproveitado no "Recreio dos Bandeirantes", numa casa que aluguei para gozar meus trinta dias de férias, casa parecida com a do falecido cap. Paulino, singela mas acolhedora.

Que falta sinto do capitão Paulino!

Que pena ter êle morrido!

Levei uns colegas amigos para lá, além de alguns pertences, e passei uns dias magníficos, almoçando siri e jantando peixe à brasileira, — tudo colhido assim na hora, fresquinho, oferecido pelo

mar, êsse grande e longâmimo companheiro, infelizmente tão distante dos iguaçuanos! (Embora, antes, já tivesse sido marítimo, o nosso município. E as barcaças subiam, até quase à Fazenda São Bernardino, pelo rio Iguaçu!)

Atualmente, mantenho a pele crestada, grossa, escuríssima, pois foram 30 dias de férias inteiramente escorridas ao longo de uma praia maravilhosa ou sentado em meu bote de madeira compensada, a remo. Não quis motorizá-lo a fim de fortalecer os músculos agora bem mais robustos e ágeis, graças aos exercícios a que me tenho submetido, horas a fio, a fim de equilibrar a vida meio intelectual (?) — só amigo da colesterolemia — experimentada aí, durante muitos anos. Minha cabeça é que se encontra bem mais nevada e meus traços fisionômicos já não escondem mais minha idade nem meus desgostos. Querido amigo estou realmente envelhecendo, embora ainda com muita reserva moral e física. Além de imensa esperança e grande disposição para enfrentar a vida! Em minha casa, além desses outros grandes companheiros — os novos livros — que me ensinaram muita coisa, inclusive a amá-los, a maior abundância é de material de pescaria. Caniços aos magotes, rôdes, pucás, tarrafa, anzóis coloridos, com borboletas azuis, para ludibriar os peixes, além de nadadeiras, arpões, o diabo! Pelas paredes, óculos de borracha e bóias, em vez de quadros! Você precisa me ver tarrafeando, em alto mar, colhendo de 6 a 8 tainhas de cada vez, e depois regressar remando e disposto, às vêzes alta hora da noite, ao luar, com o barco

cheio de camarões, lagostas, tatuís, ostras ou mariscos. Você é capaz de acreditar em outra pessoa qualquer, menos em mim, apenas com um calcão de banho, já meio surrado! Sim, as vinte e quatro horas do dia do mês de julho! E, após o regresso, dirigir-me à cozinha, com dois ou três companheiros (amigos e vizinhos — uma rapaziada — que aqui os há, e muitos), a fim de preparar o pirão ou temperar os camarões. As coisas do mar, Luiz, possuem essa virtude de aproximar as criaturas, numa solidariedade diferente, não direi maior, porém mais arejada senão colorida pelos imensos horizontes; ou sacudida e depois firmada, pelo gracioso movimento das vagas infindáveis, na ritmada sucessão... A lagoa, onde às vêzes me espraio, através de longas remadas, não é apenas bela e silenciosa, na impressionante quietude de suas águas. É de aspecto variadíssimo em seu único e sinuoso perfil. Na enchente (preamar), as águas tornam-se tão transparentes, de um verde prásino tão sóbrio, desmaiado, límpido e tão belo que a gente sente necessidade de mergulhar, a fim de arpar os cardumes de robalos e tainhotas que perpassam aos milhares.

Quando a água se mantém assim, você os distingue a dois ou cinco metros de profundidade. E não pode tarrafeá-los, porque o olho do peixe não possui palpebras. Por isso, ele, lá de baixo, devindo à transparência esverdeada, distingue perfeitamente o pescador com seu movimento e sua rête; e foge qual um foguete cosmonáutico, rapidíssimo, quase meteórito, na profundidade líquida. Nessa

água clara, você só pode pescar com o arpão, — um revólver comprido a disparar uma flecha de aço especial velocíssima, que vence, alcançando e transfixando o peixe. Sem dúvida, aqui, a pesca-ria, ou melhor, o resultado dela, é mais lento. Moroso. Calmo. Por outro lado, na vazante, a tal la-goa não fica tão bonita em sua superfície, porque as águas escurecem. O verde prásino é devolvido ao mar e, de suas profundezas, sobe uma côr escura, rica de algas, às vezes até de jigogas. Em compensação, o número de peixes parece aumentar, naquela ânsia do retorno ao mar, a pátria universal dêles todos, onde a água não é tão quente e tão marron! Caracteriza êste o instante em que as gaivotas começam a surgir às centenas, aos milhares, no horizonte, em vôo lento e mergulhante, a fim de juntamente com certos peixes ferozes, grandes e famintos, se aproveitarem dos camarões que aparecem!

Nessa maré baixa é que você deve usar a tarrafa, porque os peixes não a vêem, nem a você, sempre no barco, a espreitá-los naquela grande corrida em que só se distingue o prateado de suas escamas e nadadeiras, lá no fundo! E' a hora do chorrilho, em que se colhe muita coisa, como pescadores que todos somos, necessariamente, de águas turvas!

\* \* \*

Por isso, amigo, é que sómente, há pouco, to-meи conhecimento daquela nota gentil e fraterna,

coincidente com a opinião do Pimenta, do sempre amado e relembrado Pimenta, cujo cartão acabo também de receber. Vocês são dois gigantes de bondade e de carinho, quais verdadeiros irmãos, crescidos e evoluídos espiritualmente sob o mesmo teto azul e celestial de nossa grande, inesquecível, modesta, mas sempiterna Arcádia Iguaçuana de Letras!

Agora, um parêntesis:

Dona Avelina, parabéns, um abraço e mil carinhos pelo seu centenário transcorrido!

A senhora se colocou, aqui, entre o mar e a Arcádia. Mas porque o seu espírito também é imenso!

Estas flores que lhe enviei, — e fiz questão que fôssem rosas vermelhas — são o meu reconhecimento pelo alto valor de seu sangue que até hoje só produziu gente boa, alegre e feliz, — todos os seus filhos e netos, componentes de uma grande parte da população iguaçuana, semanalmente fertilizada e ilustrada pelos excelentes exemplos de seu marido, cuja voz até hoje ainda perpassa, ecoa, se ouve e se vê, através das tintas e das entrelinhas de seu jornal.

O que gosto de ver na senhora nesses cem anos é ainda o andar firme, sem escoras e sem bastões, fazendo aquêle cafèzinho matinal e vespertino que foram a delícia daquele tempo inesquecível em que, lado a lado com o Luiz e Avelino, colaborava eu em seu jornal, cujos clichês e tipos de composição,

agora, devem estar todos saltitantes, alguns fora da linha e do lugar, ou de cabeça para baixo, — como nunca andaram, de tão felizes e gárrulos por tal transcurso, pois sei e pressinto perfeitamente a intensidade de quantos a estimam, de quantos a querem, de quantos a amam e adoram. Percebi, pelo que vi em seu amável convite, que todos estão a pular de alegria e felicidade! E êste é, também, de outra sorte, o outro lado que gosto de ver nessa medalha de ouro que a senhora orgulhosamente exibe nesta festa centenária, inesquecível e ao mesmo tempo maravilhosa.

Como pôde, através dos tempos, impôr-se tão bem, com tanta sabedoria, intensidade e afeto a tantos corações, — continuações do seu?

Numa época em que muita gente nova, pelos êrros cometidos, procura se retirar da vida, é impressionante verificar-se na senhora essa vontade férrea e decidida de viver sempre e cada vez mais!

Mas a senhora está certa! Certíssima. E não deve, de modo algum, perder as excelências dessa magnífica oportunidade, até porque chegou a hora exata de provar que a modéstia de uma existência não anula absolutamente ninguém e que só uma vida retamente vivida condiciona as motivações reais para um viver longo e feliz!

Receba, D. Avelina, as minhas rosas vermelhas, e não se impressione com os cem anos!

Continui a jornada! Avante! Observe que número bonitinho é 101, a lembrar mais um desenho

(dois soldadinhos e uma pipa!) do que mesmo um algarismo real! O que prevalece em cada um de nós, caracterizando-nos, é a idade do espírito, e o seu, nesse particular, continua bem lúcido e cristalino, à frente dessa geração que soube criar com tanta bondade, zélo e carinho — hoje reconhecida a cantarolar em estribilhos e em altas vozes à sua volta, no melhor e mais eloquente dos côros, as grandezas da mãe querida e da espôsa fiel e exemplar, que a tantos já serviu!

Hosanas, D. Avelina!

Vez por outra, embora distante, escrevia coisas iguaçuanas só para matar saudades. Os lotações, então, que antecederam os ônibus, na história do desenvolvimento de Nova Iguaçu, tinham que possuir, também, algumas páginas à parte. Tantas vezes íamos e vínhamos, desta cidade ao Rio, — Praça Mauá, — que nos arriscamos a um assunto que se teria passado no interior de um desses veículos.

E quem quer que visse aquèle lotação da Evania deslizar veloz pelo asfalto, a carregar a flâmula multicor do motorista, jamais diria o que o futebol seria capaz de proporcionar ao coração daquele homem.

Nem mesmo o Carlos Marques Rôlo, quando a inaugurou.

Tudo acrescido, é preciso dizer, com a espetacular vitória do tri-campeonato, por nós alcançando em 1970.

Nesta Nova Iguaçu tão cheia de complicações de tráfego com sinais, cada qual mais escondido ou enviesado, com tantas ruas estreitas e esbura-

DEOCLECIO MACHADO

cadas, êle teria realmente de fazer o que fêz: colocar o branco e inocente sapatinho do filho, ao lado do galhardete do clube favorito.

Assim, êle não só obteria o necessário amuleto, espantador de perigos, senão ainda o recurso contra os passageiros difíceis, as indiscutíveis exigências dos inspetores de tráfego, os enguiços provenientes das distâncias e do calor.

O pequeno calçado, pendurado no espelho, constantemente a balouçar a cada curva, já se tornara até conhecido dos passageiros daquela linha, o que deixava alguns cheios da admiração afetiva pelo condutor alegre do veículo:

— Menino ou menina? — indagavam-lhe algumas vezes.

— Do Robertinho, um filho de 3 anos, também como eu amante do futebol. Gosta da bola.

— Felicidades — formulavam-lhe na maioria das vêzes.

— Obrigado — respondia o motorista quase sempre.

Pois dêle esperava duas coisas: que estudasse bastante e gostasse de futebol como em casa todos demonstravam.

\* \* \*

O estudo seria o meio de o menino conseguir bom emprêgo.

O QUE RESTOU DOS LARANJAIS EM FLOR

O motorista, de uma ocasião, revelara à companheira as tristezas por não haver aprendido o suficiente nas escolas por onde passara, pelo que se obrigara àquela profissão arriscada, cansativa, sem conforto e sem horário.

O futebol, todavia lhe recompensava, paralelamente ao ensino do filho, pela alegria e vibrações que proporcionava.

E o tempo foi passando. E o sapatinho crescendo.

Que dia melhor e mais intenso que os dominos, para a família?

E a vitória sobre o Uruguai? Sobre a Itália?

Que tarde mais festiva do que aquela em que "o esquadrão" — como êle próprio chamava — comparecia inteirinho ao Maracanã?

Que momentos mais encantadores que os noventa minutos de jôgo, sobretudo depois da vitória espetacular, com os rádios a anunciarem pelos quatro cantos da cidade o imenso feito futebolístico?

E o "jôgo da gratidão" contra o México? Que beleza aquela aproximação entre os dois povos!

Sim, eram realmente ocasiões em que o júbilo não cabia no interior da pequena mas feliz residência da Vila Maxambomba em que êle tinha até de expandir-se com os vizinhos mais chegados, com

quem distribuia, em meio de cervejas e abraços, os sanduíches improvisados.

Segunda-feira, como sómente o futebol sói proporcionar, era outro dia radiosso, sobre inesquecível. Ora eram os simpatizantes a abraçá-lo incontidamente; ora, os jornais a incendiarem ainda mais aquêle coração festivo, escrevendo coisas que o modesto cinesíforo nem poderia imaginar.

Que grandes!

Com tais arroubos é que, a pouco e pouco, foi ele se entronizando no espírito e no coração do filho, desenvolvendo-o entre alegre e esperançado, ao influxo dos mesmos entusiasmos, ao mesmo tempo que seu sapato crescia, não cabendo mais no espelho do lotação.

O pé do garoto, com os treinos sucessivos de bola, chegara a quarenta. E, sua altura, a de um homem feito. Dir-se-ia não ser do mesmo jovem, tal a rapidez do desenvolvimento alcançado.

\* \* \*

O inocente de ontem, à conversar no mesmo tom, com o pai, era visto a viajar no banco da frente do veículo, agora um pouco desbotado e barulhento, das ferragens soltas.

Também não era para menos: sustentar, dia e noite, toda uma família durante anos seguidos.

Medeou-se muito tempo até aparecer Roberto a envergar o blusão, com as insígnias da Facul-

dade a que pertencia, trazendo ainda uma coisa da puerícia, própria da influência paterna: o escudo do mesmo time, na fivela dourada do cinto.

Por baixo do blusão, a camisa do time favorito.

Pela manhã, os dois se completavam maravilhosamente na viagem em direção à cidade, no assunto dos jornais.

— Então, meu filho, quando treinará no 1º time, como diz a imprensa?

— Hoje. Já fui avisado.

— E as chuteiras?

— É o que espero do senhor.

Concluída a viagem, lá para os lados da Praça Mauá, exatamente no final da linha, saltaram, escolheram o que convinha e acertaram o preço.

Feito o negócio e o embrulho, êste foi entregue a Roberto, não sem a manifestação comovida:

— Deus o acompanhe e faça feliz!

\* \* \*

Repetidas vêzes pai e filho percorreram o mesmo itinerário.

Havia mister muitos treinos, para adaptação.

DEOCLECIO MACHADO

Tornaram-se até conhecidos, não só dos donos das lojas de calçados, mas até de muitos dos que residiam nas imediações.

As chuteiras, muitas delas se alargaram e desgastaram pelo uso.

O motorista, agora mais gordo pela idade e pelas satisfações, tinha o filho a integrar um dos principais conjuntos da Capital.

Uma tarde, durante a realização de importante treino, a uma investidura de Roberto, gritara a plenos pulmões:

— Aí, meu filho, ensine essa gente a jogar!

Desnecessário é dizer que a gargalhada foi geral!

\* \* \*

E quem quer que tivesse conhecido aquêle veículo esmaecido, que embalara o sapatinho branco, inocente, preso ao espelho interior, logo que fundaram a Evanil, jamais poderia adivinhar o desfecho inesperado de toda essa história.

A satisfação que lhe trouxera o filho, de tantas esperanças correspondidas, agora estudante de medicina e profissional de futebol, levara o encanecido chofer à mais absurda das atitudes: a trocar aquêle calçado de tempos atrás, que todos estimavam, pela enorme chuteira, deformada, do campeão do futebol:

O QUE RESTOU DOS LARANJAIS EM FLOR

— Mas, como é isso "seu" Manoel?

— Paciência, hoje tenho de homenagear o autor dos únicos "goals" da vitória. Estou que não me agüento de alegria!

Essas chuteiras!

E assim é que passou a rodar o lotação.

Mas um dia, transbordante de saudade, resolvo visitar Nova Iguaçu.

E, quem encontro?

O Valcir Almeida, amigo da velha guarda e, agora, diretor da revista "Iguaçu-News", que ora se imprime e circula na cidade dos laranjais, entre os componentes da melhor sociedade.

Mal o Valcir me vê, vem de longe com um abraço. E eu também.

Leva-me ao seu escritório comercial, que funciona também como redação da Revista. E' quando me solicita a escrever uma crônica.

Mas, eis que tenho encontro marcado numa outra redação, com o Luiz de Azeredo. É quando lhe descrevo o júbilo dêsse meu recente encontro com o Valcir, dizendo, entre outras coisas, que uma das alegrias de minha vida, quando jovem, era encontrar-me aos sábados, em plena redação de "A Noite", com os irmãos Jarbas e Castelar de Carvalho.

Geralmente, saía eu bem cedo de Nova Iguaçu, primeiro para assistir às aulas, valendo-me da

"maria-fumaça"; depois, para encontrar-me às onze, com ambos; ao lado de Clóvis Ramalhete, então acadêmico de direito e, pouco depois, advogado; de Raymundo Magalhães Júnior, recém-chegado de Hollywood, a manter "Janela aberta", sobre assuntos de cinema, como crítico especializado; de Carvalho Neto, a exercer a função de diretor-secretário daquele importante órgão, em pleno fulgor na Capital da República, o Rio.

Castelar sabia que eu apreciava demasiado a vida de jornalista, razão por que sempre me convidava para as suas saídas, geralmente deixadas para depois do meio-dia, a fim de encontrar-se com Florinda. Dava-me o braço, após acender aquèle cachimbo perfumado, a queimar Half-Half, — e saímos em demanda da rua do Ouvidor, Gonçalves Dias e adjacências, até a Colômbia, onde já o esperava o diretor responsável pelo acervo "A Noite — Rádio Nacional" — o então coronel Costa Neto — para o papo habitual.

\* \* \*

Ali parávamos todos a observar o movimento da rua. Ou melhor aquèle desfile de gente importante, em direção à Galeria Cruzeiro, de onde partiam os bondes em direção aos mais longínquos bairros.

Castelar gostava de ver aquilo tudo. Porém gostava muito mais de observar aquela sorte que eu dava com alguns elementos femininos, de suas

#### O QUE RESTOU DOS LARANJAIS EM FLOR

relações de amizade. Havendo alguns até que paravam para indagar se eu, tão jovem ainda, já fazia parte integrante de redatores famosos, ali reunidos. Perguntas que não passavam despercebidas a Jarbas, seu irmão, mais galante e mais alto, mais bem falante também, e que respondia, gozando aquela minha convicida jovialidade:

— Inegavelmente, as beldades sempre gostaram dos mais jovens, pela ilusão que trazem. Mas, o problema é que só o homem maduro, experimentado e com dinheiro lhes resolve o caso em extensão e profundidade. E se punha a rir com os demais, como que para confirmar uma opinião que era a da maioria — ou talvez mesmo algum encontro da véspera, em que tudo isso acabara de ser evidenciado.

\* \* \*

Sem dúvida, tais encontros caracterizaram uma boa quadra de minha vida, pois eu os tinha, pelo muito que ouvia, como os maiorais da inteligência e do espírito.

Todavia, muito mais que o carinho e a atenção com que me distinguiam — eu, um garoto perito dêles! — impressionava-me estoutro requinte, relacionado com os companheiros de redação que não podiam ao menos adoecer!

Lembra-me das inúmeras vezes em que vi Castelar, o repórter criador de "A Santa de Coqueiros",

solicitar a Jarbas, sempre mais expedito, umas linhas alusivas ao desejo de restabelecimento dêsse ou daquele "companheiro" — para usar a mesma expressão que êle. Jarbas, era jornalista profundamente sociável, culto e delicado. Todos sabiam disso. Daí, as solicitações.

\* \* \*

Pois foi com a magnifica impressão colhida dêsse ambiente, que eu cresci. E, hoje, sempre que vejo um jornal, grande ou pequeno, é dêles dois que me lembro, como jornalistas autênticos que sempre foram, afora outros momentos inesquecíveis, cheios de requintado cavalheirismo e graça, principalmente quando me apresentaram ao então acadêmico da ABL Cláudio de Sousa, recém-chegado do Japão; e ao escritor Malba Tahan, a quem pelas circunstâncias também fui levado a felicitar pelo lançamento de novo livro de contos. Tudo isso me foi ficando na memória, de modo que, em Nova Iguaçu ou alhures, enfim, onde quer que haja ambiente de jornal, o que me acode são tais instantes de verdadeira e exemplar confraria.

\* \* \*

E que vi repetida, há pouco, em Nova Iguaçu, quando o Vacir Almeida, ao trocar a política pelo jornalismo, me solicitou uma colaboração para a primorosa revista "Iguaçu-News", de que é diretor-responsável. Queria me ver a seu lado — disse.

Êle sempre se valia de mim em outros misteres. Mas, igualmente, muito me via escrever e colaborar, interessado nos assuntos desta terra.

Pois bem: tão logo começou a colher notícias locais, sem querer, de longe, me avistou. E eu a êle. Reencontramo-nos, solicitando de pronto esta colaboração. Colocamo-nos como estrélas de um mesmo céu.

Parece perpassar sempre uma nuvem de amizade e de companheirismo — como me faz lembrar o velhor Castelar — onde quer que haja tipos de composição ou máquinas de imprimir. É o que afirmo a quantos lerem "Iguaçu-News" ou o "Correio da Lavoura", cujas impressoras, — as novas — vim visitar e experimentar, tecendo esta crônica dedicada ao Valcir, êste velho amigo e "companheiro", para usar a mesma expressão de ontem, de nossos maiorais de inteligência e de espírito.

Se Nova Iguaçu viesse a gostar de consumir livros a descrever personagens exclusivamente locais, com aquelas indispensáveis características de recreio intelectual, valorização da terra e ao mesmo tempo de enriquecimento espiritual, na oportunidade em que êle tanto se bate pelo Country Clube, elegante entidade local, tendo à frente, hoje, como presidente, o dinâmico Luiz Melo, que conseguiu congraçar uma sociedade já meio dispersa, — valeria a pena a publicação de um volume sobre o amigo Ulisses Berçot Ennes, seu auxiliar de diretoria.

Nascido em Friburgo, mas aqui radicado há vários lustros, durante largo período dividiu seu coração entre aquela maravilhosa cidade serrana, de clima e veraneio, e êste pujante município, denominado dos laranjais floridos, pelo poeta João Guimarães, exatamente ao tempo em que Ulisses para aqui veio.

Apesar de amadurecido pelo tempo — hoje risonho avô — e bancário por vocação, ás portas da aposentadoria, nada obstante guarda ainda aquêle espírito maliciosamente jovial, gárrulo e ao

mesmo tempo irrequieto, a alegrar quantos o conhecemos desde seus primórdios nesta terra.

Vivendo sempre em rodas de colegas que o procuravam, durante muito tempo foi o único cidadão capaz de mantê-las unidas em nossas praças e jardins até altas horas da noite, sem causar enfado. A situação financeira de todos — jovens ainda — era de tal maneira curta, que o melhor dos que começávamos seria justamente promover reunião de extravasamento puro de amizade, de que, aliás, já não podíamos fugir e a que não faltava aquela sua conservada e protetora capa de gabardine cinza, fizesse frio ou calor. Tal capa não só protegia os novos ternos, no inverno e na chuva, como escondia os velhos, no verão...

Vaidoso, como todo jovem em floração, possuidor de verve inexgotável, ocasião havia em que se contavam mais de dez ávidamente a ouví-lo. E, realmente, em muitos passos se mostrava tão suítil e fino, senhor de espírito crítico tão agudo e observador que muita vez o temiam pelo que viesse a avolumar em sátiras sobre as fraquezas de cada qual.

Ele mesmo não se incomodava do que pudessem dizer desde que o deixassem emendar ou prosseguir... O que alongava sobremodo os encontros, pelo propósito de assim abrirem brecha à cômica verrina.

\* \* \*

— 114 —

E' claro que por dentro dêsse Ulisses engracado havia outro meio desconfiado e cismadão, qual mineiro recém-chegado. Tanto que era incapaz de se aproximar de quem quer que fôsse, caso seu "santo" não recomendasse ou simpatizasse...

— Não vou com aquèle "cara"... — quantas vezes o ouvimos dizer!

E seria capaz de uma volta de quilômetro e meio, para nãovê-lo... Ou nãovê-la...

Sem embargo, quando ele começava a sentir as naturais afinidades, não largava mais o amigo, acompanhando-o dia e noite como aconteceu a Eli Mendes Lopes, antigo professor do Ginásio Leopoldo, Júlio de Miranda Bastos, quando êste estudava advocacia, João Quaresma de Oliveira, Nilo Belém e muitos outros em cujas companhias era sempre visto e cujas casas assiduamente frequentava, desde o café da manhã, pois suas novidades, naquele tempo, começavam quase ao raiar da aurora.

Não fazia por menos.

E tais amizades até hoje as mantém, embora atingido não raras vezes pelas adversidades tecidas pelo destino, em virtude das quais, não fôsse a extraordinária fortaleza de ânimo, já teria perdido as mais finas qualidades de seu feitio, tão alegre quanto versátil. Mas singularmente constante.

— Mesmo assim, não se pode agradar a todos!

— Isso é totalmente impossível — dizia — pois o bom sempre desagrada ao mau; o sincero

— 115 —

ao hipócrita; o corajoso ao covarde, assim como o patriota desagrada sempre ao sem-pátria. E nós, sempre brincalhões e comunicativos, por êsses e outros respeitos, temos de desagradar aos **broncos!**

A palavra **bronco** a usava muito. Referia-se aos que não tinham graça e não gostavam de estudar ou de ler, ao menos.

Era por vêzes irreverente, quiçá meio cáustico, para poder dizer o que sentia.

Demais disso, Nova Iguaçu evoluía intelectualmente, através dos universitários Alfredo Soares, Paulo Machado, Humberto Gentil Baroni, Jarbas Cordeiro e Rosalvo Vidal, cujas presenças, para Ulisses, constituiam motivo de grande orgulho pessoal. E ainda havia os irmãos Farrula, com o Oberland que o prestigiava bastante.

— Assim, temos sempre a quem desagradar! — arrematava.

— A inveja é o diabo! — concluía.

Todavia, os que frequentávamos sua roda, gostávamos dèle e não o largávamos também, só em pensar nas passagens movimentadíssimas que nos poderia, a cada momento, prodigilar!

Daí, não constituir exágéro a assertiva que fizemos no exórdio dêste, segundo a qual nossas memórias dariam perfeitamente para compor um volume — as Ulisséias, se o público iguaçuano passasse a aceitar tal tipo de literatura, para melhor

compreensão dos vultos que por aqui viveram, tendo algum valor, é claro.

Dos velhos coronéis de então aos figurões políticos mais conhecidos e tradicionais, aglutináramos não só grande acervo anedótico ou histórico, senão ainda os elementos necessários à compreensão da tese: — Por que Nova Iguaçu possui características locais tão peculiares?

Todos somos mais ou menos produtos do meio em que vivemos. E, se Nova Iguaçu de uns tempo para cá começou a se tornar cidade pacata, distante dos costumeiros "bangs-bangs", de ontem, quando experimentavam revôiveres no coração cidadino, é porque começou a possuir em sua vida diária personagens exemplares, homens polidos e dedicados, como o foram Jarbas Cordeiro, João de Almeida Barbosa, Aires Rozo, Ataíde Pimenta, os irmãos Chaves, Armando Sales Teixeira, além de inúmeros outros que passaram a ornar o meio social, como expressões exponenciais, isto é, valores autênticos, dignos de emulação, pela mocidade que estudava e que começava a marchar um pouco atrás, nas paradas ginásiais que principiavam...

Ulisses Ennes e seu grupo, muito mais jovem, viria pouco depois. Mas podem ficar certos de que durante muitos anos — ele e seus amigos — chegaram a pontificar como figuras de relêvo de seu tempo, pelo muito que despendiram em esforço e capacidade pessoal, sobretudo em auxílio para as obras de benemerência em que ele, principalmente, se tornou verdadeiro paradigma ao lado de Dona

Herminia Matos, quando da realização de bailes, reuniões ou quermesses em benefício da construção do Hospital de Iguaçu. Sendo o salão social preferido, neste comenos, o do Esporte Clube Iguaçu, por ser o mais antigo e tradicional, frequentado por todas as famílias, indistintamente.

Daí, não constituir, repito, nenhuma desnecessidade mostrar o que foi, inclusive descrevendo, como marca do tempo, aquêle namôro de quase um ano que êle manteve, com voz feminina e pelo telefone, com velho amigo que desejava aliciar, solteirão incorrigível, rico, e que aqui vivia a acompanhar a política desde o tempo dos coronéis, e cuja única distração era fumar charutos caros após o jantar ou decorar os discursos que o eminentíssimo deputado Otávio Mangabeira pronunciava na Câmara Federal, a funcionar no Rio de Janeiro.

Seu nome talvez não importe, porque há muito é do conhecimento dos que nascemos por estas bandas. Nem sabemos por onde anda hoje este outro amigo, hoje bem mais idoso e mais celibatário do que nunca!

O evento, sem dúvida alguma inusitado, começou por iniciativa de Jaime de Carvalho, irmão do Luiz, dono do Bar Elite, ao entregar ao romântico solteirão uma carta, em cujo interior havia bela fotografia de certa jovem, silhueta impecável, mas de reconhecimento pessoal impossível, pela longa distância com que foi colhido o "instantâneo".

O próprio Jaime à noite, agravava mais o problema, flexando-lhe o coração e inventando novos recados, depois de lhe entregar longas e apócrifas missivas, dizendo-lhe da rotunda e misteriosa dama, que amiudamente o procurava ali, raramente durante o dia, — exatamente quando êle se ausentava.

E sempre exagerando:

— Você precisa ver!

— Que pedaço de mulher! Seu tipo exato!

E assim, com tal estratagema, o nosso amigo permaneceu durante mais de ano enamorado, preso ao telefone e ao Bar Elite de onde, por questões sentimentais, não tinha coragem de arredar-se. Inclusive os feriados. Sendo que o único recurso de Ulisses para encher-lhe a vida com tão grande amor, era o lenço branco que trazia no bolso, à frente, e lhe disfarçava a voz, para cegar o amigo. Ou melhor: deixá-lo vaidoso!

\* \* \*

Mas eis que um noivado verdadeiro se desponhou, com nova Salomé a lhe dominar a cabeça! E Ulisses teve de interromper o lêdo idílio por falta de tempo! Sendo obrigado a transferir os diálogos amorosos para um substituto, o "Nilo-me-queimei", que não dispunha absolutamente da mesma paciência que êle, apesar de ser bom kardecista e irmão da bondosa Dona Olga, do açougue, também de olho rútilo...

E' quando surge a odisséa bastante homérica para o solteirão amoroso e incorrigível... Em breve, um desiludido... Talvez...

Nilo, querendo afinar mais o namôro, já quase noivado — para nós — resolve intervir na opinião política do cidadão já experimentado e amadurecido.

— Meu amor — bradava o Nilo — assim não pode: estamos em posição oposta...

— Isso dá briga! E posso arranjar outro...

Eis senão quando surge o primeiro choque. E Nilo, sem muita paciência, começa a querer romper de vez o romance que começara tão bem!

— Mesmo fazendo papel de dama — acentuava — destesto ser dominado!

\* \* \*

Só quem, como Ulisses, a viver em permanente estado de bom humor, poderia manter, durante o tempo que lhe aprovesse, aquela brincadeira bem típica: O adorável trote que muitos nos fazia remontar à feliz quadra de estudante! Que o confirmem Artur Soares, Moacir Ferreira, Aderbal Nunes, Nilson de Oliveira e outros que andavam bem a par da estória, com a mesma curiosidade de quem, hoje acompanha um "Véu de noiva" ou qualquer outra novela pela televisão.

Para finalizar, evidenciando o que foi o espírito eminentemente brincalhão dêsse antigo companheiro das ruas iguaçuanas, originário de Friburgo, queremos relatar o que foi o convite que nos fizera para conhecer seu melhor amigo, — o genitor Sr. Osório Ennes, a residir em Petrópolis, naquela ocasião.

E subimos a serra, de trem, para distrair-nos. Que o percurso era maior e queríamos conhecer os trilhos e locomotivas especiais, dotados de cremalheira.

Ao lá chegar, ficamos convictos de que iríamos encontrar o autor intelectual, isto é, o criador do estilo de muitas brincadeiras de que o filho teria se tornado modelo similar e incomparável.

Mas qual!

Tal encontro só serviu para nos convencer de que Ulisses é que era realmente o protótipo da originalidade. Nada herdara do "velho" Osório que, êste sim, se arrebentava de rir diante de cada boutade — agora, com o nosso testemunho! E como dominava! Conhecedor profundo de pormenores locais, ligados à mocidade de nosso tempo!

O pai é que quase morria dispneico de tanto gargalhar!

— Pare, Ulisses, chegaram em certo momento a implorar!

Como se contorcia, na cama, o Sr. Osório, segurando o cinto e amparando o ventre!

DEOCLECIO MACHADO

Imaginem todo êsse material reunido, aqui e ali, com auxílio de um moderno gravador de fitas.

E depois datilografado e conduzido a uma gráfica, para composição semelhante a esta!

Bem que daria para — As Ulisséias!

Estejam certos de que envolveria tôda Nova Iguaçu, de duas ou três gerações passadas. No mínimo!

O cenário seria exatamente o mesmo, de laranjais floridos.

— E agora, que chegamos ao fim, todos irão saber porque encerro aqui o livro e, demais disso, por que escolhi esta memória sobre Dona Hermínia, para enfeixá-lo.

Depois de cumprir programas de benemerências, — estou a vê-la procurar por entre as palmeiras e bancos que ornavam a praça Ministro Seabra (hoje 14 de Dezembro) a rapaziada local que se espalhava por ali que ela — Dona Hermínia Matos — queria vê-la reunida no sítio da Posse, em 3 Corações onde a alemã, amiga dos iguaçuanos, resolvera festejar São João, à última hora.

\* \* \*

Seu sobrinho, admirador e amigo, Ulisses Berçot, já trajava até o indefectível e bem arrumado azul-marinho, pronto para o que desse e viesse, bem como tôda a coorte elegante e engravatada que se agrupava diariamente à sua volta para ouvir e admirar as estórias do Jonjoca, — solteirão que acompanhava a mocidade para onde quer que fosse, desde que houvesse uma festa à vista.

Por outro lado, Dona Hermínia se fazia acompanhar da turma feminina — mais de dez — que iria até lá agradar a indispensável presença dos jovens, os quais só deveriam levar, a título de colaboração, os fogos e demais ingredientes correlacionados com a animação. Pois lá, quando chegassem, já encontrariam a banda de música, a sanfona, a fogueira, os balões e demais agentes de agitação, da época.

\* \* \*

É quando Ulisses Berçot se anima ainda mais — e convida Paulo Machado, João Quaresma, Geraldo Brigagão, Jarbas Cordeiro, Manoel Quaresma, Artur Argenta, os irmãos Mário e Luiz de Azeredo e mais um grupo tão avantajado que se torna mister o aluguel de um caminhão, para conduzir a rapaziada até lá.

\* \* \*

A Casa Adrianino, dirigida pelos irmãos Brayd e Artur, aberta, servia a todos de bombas, foguetes, pistolas, busca-pés e até cabeças-de-negro, — tudo a se queimar pelo caminho, numa trajetória tão memorável e vibrante que até hoje nela se fala. E com ênfase.

\* \* \*

Em lá chegando, os cuscuz, goiabadas, cremes, doces-de-côco e canjicas começavam a ser ser-

vidos pelo Sr. Hugo Argenta e família, amigos da proprietária do sítio, também conhecida como Don'Ana.

Foi um festão tão animado e barulhento pelo muito que se queimava, que a Dona Hermínia julgara de bom alvitre vigiar aquela mesma mocidade que ela convidara — e o fazia mesmo, pelo respeito que lhe consagravam — a todos chamando a atenção para a beleza daquela noite de luar, a pratear o perfil e o coração de todos os jovens enamorados, sob os laranjais em flor!

— Mas que tudo transcorresse direitinho!

\* \* \*

Pois bem: Já tanto tempo é passado, que se torna difícil avaliar a espessura da névoa que se interpôs entre aquela noite iluminada e a comovedora notícia de seu passamento, ocorrido numa segunda-feira.

No alegre e simpático casarão da rua Bernardino Melo, onde ela residia desde os tempos de Don'Ana e os 3 Corações — exatamente aquelas mesmas pessoas se reuniam, — agora criaturas amadurecidas, grisalhas, chefes de família, parentes e amigos íntimos, filhos e netos mais queridos, para assistirem ao veredito do Tempo: finara Dona Hermínia em sua ação.

Não foram até lá — é preciso que se acentue — propriamente chorar ou deplorar sua longa au-

sência, porque no espírito de todos continuaria viva.

Mas para conduzi-la merecidamente ao seu êrmo e descanso, naquele ponto mais alto e adequado, onde pudesse contemplar a cidade que tanto amou e festejou através de sua mocidade em botão — mocidade que ela gostava animadamente de acompanhar em suas andanças, alegrias, impulsos, ideais e inclinações sadias, apertando aquêle olhinho de que brotava não raras vezes um conselho experiente e bem humorado para o bom êxito de cada um. Ela tudo via.

Com Dona Hermínia encerrou-se assim um período da juventude local a que ela soube definitivamente se ligar — bem como a sociedade iguaçuana, tendo escolhido a 18 de maio de 1970, a mesma noite de luar daqueles tempos saudosos que já se vão, sob cuja luz me inclinei para compor essas reminiscências em que os fogos de artifício foram substituídos pelas coroas e rosas que cobriram o seu túmulo, depois de abraçada pela terra.

E assim também, finda o livro que cobre todo esse período em que morei em Nova Iguaçu.

#### OBRAS DE DEOCLÉCIO DIAS MACHADO FILHO

- 1 — A SOMBRA DOS LARANJAIS — 1953 — 1 milheiro — Esgotado. (Crônicas de sua mocidade em Nova Iguaçu).
- 2 — SOB O CÉU DE MINHA TERRA — 1956 — (Contos) Esgotado.
- 3 — TRADIÇÃO DE UM NOME — 1956 — 1 milheiro — Esgotado. (Seus esforços pró-construção da sede do E. C. Iguaçu).
- 4 — IGUAÇÚ, TERRA DE GENTE ILUSTRE — 1957 — 1 milheiro — Esgotado. (Estudo sobre os grandes homens do passado iguaçiano).
- 5 — «O IGUAÇUANO» — Peça sobre a vida e obra de Rangel Pestana, já exibida na Arcádia Iguaçiana de Letras e elogiada pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio e Câmara de Vereadores, de Nova Iguaçu.
- 6 — «NO SOCIETY IGUAÇUANO» — Peça representativa da sociedade local, rica de tradições, já exibida.
- 7 — VERAS DALMA — 1964 — Discursos na A.I.L. — 1 milheiro.
- 8 — REMINISCÊNCIAS — 1964 — 1 milheiro — Memórias de seu tempo de estudante, como bacharelando que foi na Turma de 1934, do Ginásio Arte e Instrução.
- 9 — COMO VI MINHA OPERAÇÃO — Memória — 1965. 1 milheiro — Obra médico-espiritualista.
- 10 — O QUE RESTOU DOS LARANJAIS EM FLOR — Memória — 1970 — 1 milheiro — Com prefácio de Valcir Almeida.

URINA D'AMOROSA SÓCIO CANTADORA DO BABÉO

o fardo antigo da vida; houve outros, antes de nós, que fizeram também a grande viagem. Um poeta não pode cantar sempre a mesma canção de sempre. A flor fenece e morre; mas aquêle que a levava não deve chorar por ela eternamente. O meu irmão, guarda isto no teu coração — e regozija-te!"...

O simples fato de você deixar livros para os seus pósteros é a prova do cumprimento do dever, perante aquele que determina e que, depois, julga. Os pensamentos ficam e se repetem, como as almas se repetem para poder ficar.

Sinto não poder, com as minhas próprias palavras, agradecer o seu presente. Escrevo assim, sem rumo e com êrros. Mas, já dizia o poeta: "Se cerrares a porta a todos os êrros, impedirás a verdade de entrar"...

Breve terei novo livro em circulação. Mandar-lhe-ei, com imenso prazer, um exemplar. Não se trata de poesia alegre, mas de algumas desventuras rimadas "O universo dolorido beija a minha alma e logo quer que lhe devolva sua própria dor em canções"...

Um grande abraço para você, Deoclécio, e até muito breve, pessoalmente.

JOSÉ CARLOS PEIXOTO  
Advogado  
Av. Mena Barreto, 61 - Tel. 2063  
Nilópolis — Estado do Rio

Composto e Impresso na GRAFICA CASTRO LTDA..

Rua Pedro Ernesto, 85 — Rio de Janeiro — GB